

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Marcela Cordeiro Felix de Lima

Os homens do swing: sexo, amor e heteronormatividade

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Marcela Cordeiro Felix de Lima

Os homens do swing: sexo, amor e heteronormatividade

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza.

São Paulo

2018

Banca Examinadora

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Enilda Cordeiro de Lima (in memoriam) e Geraldo Felix de Lima, pelo apoio constante e pelo exemplo de uma vida dedicada à família e aos filhos.

Agradecimentos ao CAPES pelo incentivo financeiro na
realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O próximo, em cada minuto, é aquele coração que se acha mais próximo do nosso, por divina sugestão de amor no caminho da vida.

Emmanuel, por Chico Xavier

Primeiramente a Deus, pelas muitas bênçãos que me permitiram concluir este trabalho.

Ao meu pai, Geraldo, minha madrasta Maria Cristina, meus irmãos, Cláudia, Fábio e Paulo, meu cunhado Ari e à querida Fernanda pelo incentivo, apoio e carinho constantes.

À Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza, minha orientadora, pela paciência, sabedoria e competência com que me guiou ao longo deste projeto.

A todo o corpo docente do Núcleo de Família e Comunidade pela preciosa contribuição ao meu desenvolvimento profissional.

À Flávia Hime, minha terapeuta, pelo acolhimento e apoio em um momento crucial.

Ao amigo Renato Caio, exemplo de generosidade, pelas contribuições a esta dissertação e por sempre emprestar um ouvido amigo nas horas difíceis.

Aos amigos, pessoais e de profissão, que compartilharam este percurso comigo e se mostraram presentes e dispostos a contribuir para o meu crescimento. São eles: Ana, Patrícia, Kátia, Fabiana, João, Mariana, Giselle, Suzana, Felícia, Márcia, Tatiane, ÉriKa, Sílvia, Edson, Leila, Rose, Flávia, Valéria, Marcelo, André e Clara.

A todos os meus clientes, que de múltiplas maneiras inspiraram a escolha dos temas trabalhados aqui e os caminhos que escolhi seguir na profissão.

Aos homens que aceitaram ser entrevistados e que compartilharam comigo um pedaço tão íntimo de suas histórias. Obrigada pela confiança e disponibilidade.

LIMA, M. C. F. *Os homens do swing: sexo, amor e heteronormatividade*. 2018. 81f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender a experiência de homens praticantes de swing identificando a lógica do swing, os motivos que levam ao swing, as crenças de gênero e as percepções acerca do ciúme. Para tanto foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, posteriormente submetidas a uma análise temática. Foram selecionados três homens, com idade média de 42 anos, nível universitário, casados ou em união estável que participavam em comunidades virtuais destinadas exclusivamente ao público swinger. Os resultados indicam que o swing oferece uma vivência masculinizada da sexualidade impondo a separação entre o sexo e os sentimentos. As regras do ambiente e dos praticantes tem o papel de sustentar a crença de que é possível manipular o que constitui o afeto humano, impedindo a formação de vínculos. As falhas em atingir este ideal são atribuídas aos problemas individuais, fazendo com que o swing não apenas reproduza padrões heteronormativos, mas também os perpetue. No geral, os entrevistados apresentaram uma visão positiva do swing e apontaram pontos positivos que superaram os eventuais problemas de adaptação e convívio com outros swingers.

Palavras-chave: Swing. Gênero. Masculinidades. Relacionamentos contemporâneos.

LIMA, M. C. F. *The swing men: sex, love and heteronormativity*. 2018. 81s. Master's Dissertation in Clinical Psychology - Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2018.

ABSTRACT

The present work sought to understand the experience of swing men identifying the logic of swing, the reasons that lead to swing, the gender beliefs and the perceptions about jealousy. For this purpose, a qualitative research was carried out, through semi-structured interviews, subsequently submitted to a thematic analysis. Three men were selected for this research, with an average age of 42 years, college level, married or in stable union who participated in virtual communities exclusively destined to the swinger public. The results indicate that swing offers a masculinized experience of sexuality by imposing the separation between sex and feelings. The rules of the environment and practitioners have the role of sustaining the belief that it is possible to manipulate what constitutes human affection, preventing the formation of bonds. Failures to achieve the formation of bonds are attributed to individual problems, making swing not only reproduce heteronormative patterns but also perpetuate them. The interviewees presented a positive view of the swing and pointed out positive points that overcame the eventual problems of adaptation and conviviality with other swingers.

Keywords: Swing. Gender. Masculinities. Contemporary relationships.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO 11

Formulação do problema 16

CAPÍTULO 1 - CONJUGALIDADES CONTEMPORÂNEAS 18

1.1 Infidelidade 21

1.2 Ciúme 22

1.3 Swing 24

CAPÍTULO 2 - GÊNERO, MASCULINIDADES E SEXUALIDADE 30

2.1 A socialização sexual 35

MÉTODO 38

RESULTADOS E DISCUSSÃO 42

- Os Participantes 42

- A lógica do swing 46

- Motivos que levam ao swing 52

- Crenças de gênero 60

- Percepções acerca do Ciúme 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

REFERÊNCIAS 76

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é contextualizar o swing como uma das possíveis formas de negociar a sexualidade dentre a enorme pluralidade dos relacionamentos amorosos contemporâneos. Mudanças históricas e socioculturais transcorridas nas últimas décadas abriram espaço para transformações que culminaram em novos entendimentos acerca dos valores e expectativas atrelados aos relacionamentos amorosos e suas características.

Embora seja concebível observar a questão por variadas lentes, escolhemos pensar as peculiaridades do swing no que se refere ao estudo das masculinidades dentro do contexto conjugal. Partindo deste questionamento e embora seja uma tarefa complicada, temos como proposta trazer à luz o significado desse projeto em minha carreira e em meu momento de vida atual, já que toda pesquisa fala também sobre quem a escreve.

Tendo concluído a minha graduação em Direito no ano de 2003, iniciei, três anos depois, minha formação em Psicologia pela PUC-SP. Após o término da faculdade, foquei meu trabalho no atendimento clínico, como forma de aprimorar a minha escuta, entrar em contato com um grau amplo de experiências humanas e dali em diante descobrir meus próximos passos na carreira. Minha vontade de entender com maior profundidade as temáticas da conjugalidade e das relações familiares que se apresentavam nos atendimentos me levou diretamente a traçar este caminho, sendo que a forma que encontrei para juntar vários interesses em uma só área de trabalho resultou em minha especialização em terapia familiar.

Na graduação e especialização começou a chamar a minha atenção a quantidade de indivíduos e casais que se relacionavam fora dos padrões naturalizados em nossa sociedade, negando a vivência da monogamia como fator intrínseco ao amor. Passei a me indagar sobre que regras são essas que moldam nossas vidas, ditam caminhos e que tem o poder de comandar nossos objetivos de maneira determinista, em uma época em que se valoriza a individualidade e a originalidade acima de tudo?

Nos chamados relacionamentos não-monogâmicos consensuais, ambos os parceiros concordam com o envolvimento sexual e/ou afetivo com pessoas fora da relação. Entre as várias formas possíveis, recebem destaque os relacionamentos abertos, em que os parceiros concordam com que um ou ambos tenham

envolvimentos sexuais fora da relação diádica, ao mesmo tempo em que mantem a exclusividade afetiva; os poliamoristas, que abrem espaço para o envolvimento romântico/afetivo, não estritamente sexual, com mais de uma pessoa; e, o próprio swing, no qual casais desejam relacionamentos de natureza sexual com outros além do parceiro afetivo (MATSICK et al. 2014; RUBIN, 2014).

Três conceitos relacionados por Giddens (1992) auxiliam na compreensão do que o autor define como a lógica igualitária e democrática que contextualiza os relacionamentos contemporâneos, incluindo aqueles que aderem à não-monogamia consensual: sexualidade plástica, amor confluyente e relacionamento puro. O primeiro indica a sexualidade separada das necessidades reprodutivas, o que contribuiu para que as mulheres pudessem reivindicar o prazer sexual sem o medo de gestações repetidas e da morte - no parto e também dos bebês.

O amor confluyente, conforme explicado por Giddens (1992), ultrapassa as fantasias de completude presentes no amor romântico, com ideais de igualdade nas trocas afetivas e com a satisfação sexual recíproca como indispensável à manutenção ou dissolução do relacionamento. O autor ressalta que a oportunidade de realização sexual por quase todas as pessoas abriu espaço para a emergência do amor confluyente e que a exclusividade sexual não é uma regra, mantendo-se ou não de acordo com o desejo dos parceiros.

Por fim, no relacionamento puro, ocorre uma valorização da relação em si e dos benefícios/satisfações que cada parte considera extrair. Segundo o autor, nestes relacionamentos, a intimidade é a base para o desenvolvimento da confiança, aqui entendida como “ter fé no outro e também na capacidade do laço mútuo para resistir a traumas futuros... é apostar na capacidade do indivíduo realmente agir com integridade” (p. 153). Indo além da institucionalização do relacionamento amoroso pelo casamento e dos seus sentidos segundo a religião e a lei, estabeleceu-se um espaço para uma escolha de parceiros pautada pelo afeto como seu principal aspecto definidor.

Negreiros e Féres-Carneiro (2004) informam a convivência na atualidade de dois modelos relacionais. O antigo, que aponta os sexos como marcadamente diferentes, com áreas exclusivas de atuação na família e na sociedade, atribui ao papel masculino (público) o provimento econômico e a proteção da família, e ao papel feminino (privado e menos valorizado) resta a preservação da própria sexualidade e a maternidade. Concomitantemente, o modelo novo é marcado por

uma maior permeabilidade da fronteira entre os sexos, o que permite a representação em diferentes áreas antes exclusivas. O casamento deixa de ser considerado indissolúvel e ligado à reprodução, existe a expectativa de participação masculina na criação dos filhos e de participação feminina na economia familiar e compartilhamento de deveres e privilégios. No entanto, com a emergência de uma pluralidade de conjugalidades neste novo milênio, talvez se possa pensar não mais em um binário, mas numa fluidez onde estes comportamentos sejam extremos de um contínuo¹(SOUZA, 2015).

As possibilidades advindas das novas modalidades conjugais e a superação de definições rígidas acerca dos comportamentos de homens e mulheres, apesar de geralmente vistas positivamente, convivem com a ansiedade gerada pela ausência da definição antecipada que as formas preestabelecidas proporcionavam (Neto e Strey, 2008). Isto faz com que o casal, em conjunto e individualmente, precise ressignificar suas expectativas e construir o que acredita ser o modelo de relacionamento desejado.

Abriu-se espaço para que a realização pessoal ocupasse uma posição de destaque, possibilitando relações conjugais formadas com expectativas de reciprocidade, investimento na relação, equilíbrio de poder e divisão das responsabilidades de prover/organizar a casa e cuidar dos filhos – o que não significa o total abandono dos ideais românticos relativos a encontrar um parceiro que o complete para sempre (SOUZA e RAMIRES, 2006).

Segundo Lipovetsky (2010), embora a instituição do casamento ainda permaneça, torna-se progressivamente mais opcional, e neste cenário “o casal” – formado por indivíduos que também valorizam e desejam manter a própria autonomia – torna-se finito e instável. Os relacionamentos buscam alcançar a satisfação dos interesses comuns aos cônjuges e também dos relativos a cada indivíduo, observando-se a necessidade constante de negociação entre estas duas forças, em um contexto que favorece a expressão de valores individuais (Norgren et. al., 2004).

Neste cenário, faz sentido que os indivíduos busquem as mais variadas combinações para satisfazer o que entendem ser suas necessidades pessoais de afeto e sexo na mesma relação, sem precisar abrir mão da convivência conjugal. A

¹ Comunicação oral: notas de aula da disciplina “Masculino e Feminino: entre o público e o privado”. Ministrada por: Rosane Mantilla de Souza (2015).

monogamia, ainda socialmente considerada como o contrato conjugal ideal, passa a ser questionada de maneira mais aberta e os relacionamentos alternativos ganham maior visibilidade.

Dentre os adeptos dos relacionamentos não-monogâmicos consensuais, tive oportunidade de atender alguns casos de swingers, tanto solteiros quanto casados, sendo que um em especial foi o estopim para a escolha do tema de minha dissertação de Mestrado. No ano de 2015, fui procurada por um casal swinger proveniente do interior do Estado de São Paulo que trazia como queixa dificuldades para lidar com o ciúme do marido, já que ele confrontava compromissos da esposa com necessidades pessoais suas para observar qual ela iria priorizar. Conforme narrado pela esposa, o ato de agendar compromissos que não envolviam o marido estava se tornando uma fonte de ansiedade porque, pouco após saber que ela estaria ocupada, ele solicitava a sua presença junto a ele em outro local no mesmo horário, formando o que ela entendia ser uma competição pela sua atenção.

A escolha por uma psicóloga distante do domicílio do casal se deu em razão do receio de expor a prática de swing a alguém com uma possível proximidade com os familiares e conhecidos. Chamava atenção a forma como o casal seguia um conjunto de regras bastante claras e que permitia, segundo o ponto de vista que apresentavam, a vivência sem problemas do swing; como diziam, “o problema está do lado de fora”. Infelizmente, o atendimento durou apenas poucas semanas porque a esposa foi diagnosticada com um câncer e se fez necessária a sua permanência na cidade de origem para receber cuidados da família. O marido entrou em contato no final daquele ano para comunicar o falecimento e agradecer a atenção dada aos dois durante a terapia.

A definição de *swing* é objeto de certo grau de divergência na literatura consultada. Jenks (2014) afirma ser a troca de parceiros com propósitos exclusivamente sexuais. Na mesma linha, o dicionário online Michaelis (2016) define o termo *suingue* como “prática sexual entre dois ou mais casais, que trocam de parceiros, podendo ser conjunto ou em ambientes separados; troca de casais”.

De forma mais ampla, Santos (2010) relata que em que pese ter sido o swing originalmente associado a uma prática de casais legalmente casados ou em união consensual reconhecida pelo grupo, atualmente são incluídas outras experiências

tais como *voyeurismo*², exibicionismo e a inclusão de apenas uma terceira pessoa para *ménage*, com ou sem bissexualidade.

O número de praticantes de swing no Brasil é incerto e ainda faltam pesquisas acerca do seu perfil. Foi possível encontrar dados referentes aos Estados Unidos (JENKS, 1998; BERGSTRAND e WILLIAMS, 2000) e que apontam a maioria dos swingers como pertencentes à classe média, brancos, com idade média de 39 anos, com um casamento anterior ao atual, escolarização superior e renda acima da média, alta incidência de profissionais liberais e apresentando um posicionamento político entre moderado e conservador, ao mesmo tempo em que são mais liberais em relação aos não-praticantes nas questões referentes ao divórcio, sexo antes do casamento, pornografia, aborto e homossexualidade.

É observável nos atendimentos clínicos, na fala dos participantes desta pesquisa, na publicidade online de casas especializadas, bem como na leitura dos perfis de casais inscritos em sites de swing a convivência destas duas formas de entender e vivenciar a prática, quais sejam: enquanto alguns aceitam como swing apenas a troca de parceiros entre dois casais, outros expandem este entendimento para incluir a participação de solteiros. A lógica do swing apresenta a sua base no relacionamento conjugal (VIEIRA, 2013; SILVEIRA, 2014), seja no discurso de indivíduos casados ou praticantes solteiros que se identificam como swingers e descrevem suas condutas e preferências em relação aos casais que terão acesso ao seu perfil.

Cada vez mais comuns, os acordos de relacionamentos não-monogâmicos consensuais estão longe de atingir a superação dos estigmas. Pesquisas (JENKS, 1998; CONLEY et al., 2012; MATSICK et al., 2014) apontam que a monogamia ainda é vista como mais benéfica ao indivíduo, à família e à sociedade, ocorrendo entre as várias formas de não-monogamia consensual uma maior aceitação das que não apoiam práticas sexuais sem envolvimento afetivo, o que significa uma percepção duplamente negativa a respeito dos swingers.

² O swing abrange um variado número de práticas sexuais e embora não faça parte do objetivo deste trabalho abordar a dinâmica de suas escolhas ou vivências, cabe incluir algumas definições que podem facilitar a compreensão dos encontros entre os participantes. As mais frequentemente mencionadas no material consultado são: *Exibicionismo* e *Voyeurismo* – obtenção de prazer sexual ao, respectivamente, exibir o próprio corpo ou observar outras pessoas; *Gang Bang* – sexo grupal entre mais de três pessoas, normalmente envolvendo uma mulher e diversos homens ou vice-versa; *Menage ou Ménage à trois* – sexo a três.

A própria pesquisadora, em seu círculo profissional e pessoal, encontrou reações diversas ao comentar sobre o contexto que seria pesquisado na presente dissertação. Tais reações variaram entre a demonstração de um interesse divertido a respeito dos swingers, a vontade de acompanhar as visitas aos clubes onde a prática ocorre, a indagação sobre interesse em outros temas mais distantes da chamada promiscuidade swinger e, sempre presente, a preocupação com o grau de exposição “àquelas pessoas”.

Consideramos importante, em vista do acima exposto, o estudo do swing enquanto umas das novas formas de contrato conjugal disponibilizadas na contemporaneidade e dentro da dinâmica mais igualitária de gênero que os swingers acreditam desenvolver. No mesmo sentido, pretendemos estimular reflexões a respeito dos estereótipos e preconceitos que recaem sobre seus praticantes.

As diferenças acerca das expectativas sociais referentes ao comportamento e responsabilidades de homens e mulheres, ainda fortemente presentes e observáveis na lógica do duplo-padrão, ajudam a compreender o motivo para os homens ocuparem um lugar de maior poder na sociedade brasileira contemporânea. Independentemente deste quadro, eles ainda são pouco estudados, particularmente no que se refere aos temas que envolvem relacionamentos conjugais.

Apesar da constante – e necessária - menção às transformações socioculturais agenciadas pelas mulheres, é preciso também refletir acerca das vivências masculinas, a quem se demandam novos olhares e posturas e cuja colaboração é vital para a concretização de um projeto de igualdade entre os gêneros. O swing oferece um terreno fértil para estes questionamentos, por se tratar de uma prática que busca harmonizar uma visão masculinizada da sexualidade, voltada a variedade e desempenho (KIMMEL, 2005) e a manutenção de ideais heteronormativos com a abertura de um espaço compartilhado por homens e mulheres para expressão dos seus desejos sexuais e uma vivência alternativa da monogamia. Assim, optamos por limitar nosso estudo aos homens praticantes de swing.

Formulação do problema

Novas formações conjugais têm se tornado cada vez mais frequentes na contemporaneidade, exigindo um progressivo repensar deste contexto e seus

pressupostos. Entre as possibilidades que se abrem às negociações conjugais, o swing se apresenta como uma categoria com dinâmica e cultura particulares, sendo que estudos referentes à exploração das questões que afetam os homens que o praticam ainda são incipientes no campo da Psicologia.

O presente trabalho, com aporte teórico fornecido pela análise de gênero, objetivou focar nas vivências desta população limitada aos participantes de sexo masculino tendo como objetivo geral compreender a experiência de homens praticantes de swing contextualizado no relacionamento conjugal. E, como objetivos específicos:

1. Identificar a lógica subjacente à prática de swing;
2. Compreender os motivos que levam ao swing;
3. Identificar as crenças de gênero subjacentes à prática;
4. Identificar as manifestações de ciúmes entre os praticantes e as características dos seus relacionamentos conjugais para administrá-lo.

O estudo terá a seguinte estrutura: o primeiro capítulo abordará características relevantes dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade, com foco na influência das relações de gênero no campo da sexualidade, bem como no entendimento de infidelidade e ciúme. Será também apresentado o conceito de swing e sua contextualização.

O segundo capítulo abordará os conceitos de gênero, masculinidades e sexualidade, nos aspectos pertinentes ao contexto estudado.

Finalmente, serão apresentados o Método e os procedimentos adotados para a realização do trabalho, seguidos da apresentação dos Resultados e sua Discussão e, por fim, as Considerações Finais.

CAPÍTULO 1 - CONJUGALIDADES CONTEMPORÂNEAS

O intercambio amoroso entre homens e mulheres têm passado por uma série de mudanças significativas ao longo da história. Pode-se observar que nas últimas décadas a velocidade e variedade destas mudanças aumentou e passou a exigir de cada indivíduo quando não uma escolha complexa dentre as múltiplas possibilidades de conexão, a criação de um contrato conjugal inteiramente novo. Assim, de um contexto em que os caminhos da vida estavam pré-definidos, passou-se a outro, mais plural e justo, na medida em que não obriga ao sacrifício daqueles que por qualquer razão não se adaptam a um padrão único aceitável.

O filósofo francês Lipovetsky (2010) buscou compreender o mundo contemporâneo com a criação de um modelo teórico a que chamou de hipermodernidade. O modelo se baseia em cinco lógicas fundamentais, quais sejam: o mercado; a tecnociência; a cultura individualista democrática; a mídia e o consumo. A hipermodernidade seria caracterizada, portanto, pela cultura do excesso e da urgência, a preocupação com o futuro, a procura de novas sensações como forma de escapar do tédio e do envelhecimento da vida íntima e pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas.

A identidade contemporânea tende a valorizar a livre escolha, o desejo, a espontaneidade, o consumo e o particular sobre o coletivo, criando uma sociedade marcada pela efemeridade de ideologias, práticas e relações. As relações amorosas são majoritariamente regidas pela lei de mercado, definidas pelo foco no bem-estar, desejo e prazer, dentro da lógica que as justifica pelo amor e pela realização sexual (MORICI, 2008; NETO e STREY, 2008). Os rígidos papéis antes atribuídos socialmente aos homens e às mulheres sofreram profundas alterações, o que não impede que permaneçam resquícios dos antigos ideais. Os casais formados neste contexto assumem um caráter progressivamente menos estável, com a valorização da autonomia dos seus membros.

Hime (2008) aponta o estreitamento das diferenças entre homens e mulheres – e conseqüente abertura de espaços democráticos e plurais – dentro de um cenário de mudanças, tais como o aumento da longevidade devido aos avanços médicos, a possibilidade de controle da fecundidade, a dissociação entre sexualidade e maternidade, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a conseqüente

evolução nas relações familiares, a escalada do número de divórcios e o surgimento de múltiplos arranjos familiares.

A autora observa a ocorrência de uma feminização do amor, que, se antes era vivido de maneiras diversas por homens e mulheres, passou a ser avaliado segundo critérios femininos, com destaque ao compartilhamento de sentimentos, à dependência emocional mútua e ao cuidado expresso pelo diálogo. Ressalta que os homens são convidados a expressar seus sentimentos e a desejar relações de intimidade.

Ideias que naturalizam e dividem o conhecido entre “coisas de homem” e “coisas de mulher” ainda permanecem, ocorrendo a convivência de arranjos mais tradicionais e mais modernos. Assim, ainda existe significativa diferença de poder e oportunidades na relação entre homens e mulheres, especialmente no que tange à remuneração, ao tempo dedicado aos cuidados da casa e dos filhos, e em temas como a necessidade de liberdade e fidelidade (FIGUEIREDO, 2016).

Giddens (1999) denomina o casamento e a família contemporâneos “instituições-casca”, apontando que, apesar da manutenção do nome, o seu caráter básico foi alterado. Acrescenta que as sociedades e culturas contaram com muitos tipos de famílias e sistemas de parentesco, mas que é possível encontrar características em comum nas famílias em culturas não modernas, tais como: caráter essencialmente econômico, com transmissão de propriedade pelo casamento; e, a desigualdade entre homens e mulheres, que se refletia no chamado duplo-padrão sexual, diretamente associado à necessidade de comprovar a paternidade dos filhos gerados pela união. A ideia da virtude feminina e do aventureirismo masculino dominava a sexualidade.

Sobre o duplo-padrão, Figueiredo e Souza (2015) lembram que a infidelidade masculina foi historicamente mais tolerada e naturalizada sob o argumento de uma maior necessidade de relações sexuais e variedade de parceiras. Inversamente, acrescentam as autoras, a traição feminina resultava em reprovação, criminalização e vitimização.

Giddens (1999) entende o surgimento do casal informal e da união informal como uma das principais mudanças na vida familiar das últimas décadas. Assim, foi atribuído ao casal – casado ou não - um papel central na família, a partir do momento em que o papel econômico desta declinou e o amor, somado à atração

sexual, se tornou a base dos laços de casamento. A ideia de uma união baseada em intimidade, na comunicação emocional é recente na humanidade.

Bozon (2003) afirma que a definição institucional do casamento passou a estar sujeita à subjetividade de cada casal. O autor refere que a entrada do afeto nas relações conjugais e familiares tornou possível o ideal e a prática do casamento por amor, excluindo as negociações entre as famílias e dando destaque ao papel do sentimento amoroso para a formação da união. Assumem um papel relevante nas uniões contemporâneas, além do amor, os domínios e interesses individuais, e a sexualidade.

Giddens e Sutton (2017) compreendem a sexualidade humana como resultante de fatores sociais, biológicos, físicos e emocionais, tratando-a como um ato simbólico e que reflete quem somos e o que vivenciamos. Ressaltam que, apesar de nos últimos quarenta anos as atitudes sexuais terem se tornado mais permissivas na maioria dos países acidentais, isso não significa ausência de regras, o que faz com que certas práticas ainda sejam condenadas.

A socialização sexual ocorre por meio da cultura, que, dentro daquilo considerado aceitável para os grupos sociais, orienta roteiros e comportamentos. Conseqüentemente, as práticas sexuais são distintas entre as sociedades, mas também em entre os diversos segmentos sociais que a compõe. As relações de gênero afetam diretamente a construção desta transmissão cultural (HEILBORN, 2006). A autora ressalta que, apesar de algumas regras serem reconhecidas por quem a elas adere, muitas são inconscientes e influenciam por quem nos sentimos atraídos e quem escolheremos como parceiro sexual.

Segundo Souza e Ramires (2006, p.78):

Se as mudanças legais apontam na direção da cristalização de algumas transformações, no plano da subjetivação e no dia a dia dos relacionamentos é difícil antever os ideais igualitários de relacionamento como uma transição definida. O que parece ocorrer nos relacionamentos amorosos e conjugais é a busca idealizada tanto do amor romântico, da cara-metade ou alma-gêmea, os quais caracterizam relações com pouco ou nenhum potencial de ajuste, mudança ou transformação; quanto de relações igualitárias, que vão se construindo ao longo de um ciclo de vida adulta que se prolonga cada vez mais, tornando a compatibilidade de projetos de vida no relacionamento conjugal/amoroso um árduo esforço de mudança e negociação.

Segundo Norgren et al. (2004), a conjugalidade pode ser uma possibilidade de relacionamento que corresponda às expectativas de cada um dos parceiros,

exigindo um comprometimento com a escolha de manter a união. Apresenta-se a necessidade de combinar a criação de um espaço para o desenvolvimento de potenciais individuais ao mesmo tempo em que se mantem o equilíbrio com trocas estimulantes com o parceiro, de maneira a evitar repetição e tédio. A satisfação conjugal, conforme apontam estes autores, é um conceito subjetivo e que está associada ao ajustamento conjugal, expressão de afeto, proximidade, capacidade de resolução de problemas e habilidade de comunicação. Neste sentido, casais satisfeitos seriam aqueles que valorizam o parceiro e o momento atual, indicando capacidade de mudança e adaptação, bem como levam em conta crenças e valores pessoais para justificar a permanência juntos.

1.1 Infidelidade

A infidelidade humana é uma das experiências mais devastadoras e prejudiciais à continuidade de um casamento, sendo caracterizada pela quebra de confiança ou o rompimento de um acordo realizado pelo casal (PITTMAN, 1994). Pode-se considerar que a infidelidade não se refere à mera ocorrência de atos sexuais ou vinculações afetivas externas ao relacionamento, mas da violação das fronteiras conforme acordadas pelo casal.

Zerbini e Cerveny (2015) ensinam que a forma como os indivíduos entendem os conceitos de fidelidade e infidelidade – a quebra de uma promessa de exclusividade afetiva e/ou sexual, bem como os conceitos de lealdade e deslealdade – o compromisso em ser honesto e prezar pela sinceridade com o parceiro, dará um caráter único a cada contrato amoroso.

Figueiredo e Souza (2015) apontam a multiplicidade de formas de se encarar o conceito de fidelidade conforme levamos em conta o referencial adotado e o que recebe maior valor individual e socialmente, tais como a fidelidade ao parceiro, aos próprios desejos e a separação entre os limites sexuais e/ou afetivos. Apesar do maior equilíbrio social entre homens e mulheres, impondo a expectativa comum de fidelidade enquanto durarem o amor e a atração, a traição masculina ainda é naturalizada e considerada menos grave do que a feminina (FIGUEIREDO, 2016).

A infidelidade conjugal se apresenta como desencadeadora de uma quebra na crença de que o amor conduziria à felicidade duradoura, bem como na expectativa de que o casal que o vivencia poderia suprir dentro desta união todas as

necessidades do parceiro no que se refere a um objeto amoroso (FIGUEIREDO e SOUZA, 2015).

Hintz (2015) conceitua a intimidade como compartilhar o eu interior, estar próximo do outro, manter um compromisso e comunicação com o parceiro, valorização, confiança e empatia mútua; significa estar em um relacionamento amoroso no qual exista proximidade emocional, física e sexual em um movimento de trocas efetivas. A autora ressalta que o gênero impõe uma diferenciação na aquisição da intimidade, sendo que enquanto os homens tendem a desenvolver a intimidade através do encontro sexual e preservar mais sua individualidade na questão da intimidade emocional, as mulheres precisam de uma confirmação do parceiro para se sentirem íntimas e alcançarem maior interatividade sexual.

A valorização da liberdade e da independência nas relações amorosas, bem como o entendimento da necessidade de desenvolvimento pessoal contínuo e concomitante ao crescimento da união, como características dos relacionamentos atuais, não atenuam o receio da infidelidade, nem impedem que o ciúme ainda marque seu espaço.

1.2 Ciúme

Ferreira-Santos (2011) faz referência aos dois extremos personificados pelo ciúme em nossa cultura, sendo que de um lado está a figura de um ideal nas relações humanas e o protesto pela perda do sonho de manutenção do compromisso e da fidelidade; no outro, o ciúme se encontra contaminado pela tentativa de imposição dos desejos e prioridades de uma pessoa sobre outra.

O ciúme romântico é uma experiência comum a todas as pessoas e indicativa da percepção de distanciamento ou interferência na relação, com o decorrente afastamento do parceiro, podendo ser benéfico e ajudar a promover a manutenção da relação a depender do seu ajustamento à realidade e da intensidade da manifestação (PITTMAN, 1994; ALMEIDA, 2007). Faz-se necessária a formação de uma relação triádica, a interferência de um terceiro que será uma ameaça maior na medida em que suas características confrontarem/ameaçarem elementos relevantes à autoestima (HARRIS e DARBY, 2010).

Uma das categorizações para o ciúme é a divisão entre reativo ou de suspeição (RYDELL e BRINGLE, 2007). O ciúme reativo é temporário, ocorre na

presença de acontecimentos concretos, tais como violação de acordos do casal, e está principalmente relacionado a fatores externos – situação social/confiança entre os parceiros; no ciúme de suspeição altos níveis de ansiedade são desencadeados na presença de ocorrências de baixo potencial ameaçador e tem maior relação com fatores internos – autoestima/insegurança.

Segundo Carvalho e Ambiel (2016), as duas principais teorias psicológicas que visam explicar as diferenças na manifestação do ciúme romântico entre homens e mulheres são a evolutiva e a sócio cognitiva, sendo a última baseada nos valores socioculturais transmitidos. Assim, seriam as normas da sociedade responsáveis pela definição das situações que provocam ciúme, bem como das respostas apropriadas. O ciúme seria construído ao longo da vida e as experiências individuais moldariam suas manifestações.

A teoria evolutiva (BUSS, 2000) defende que homens e mulheres criaram estratégias adaptativas ao longo do desenvolvimento da espécie para o problema da sobrevivência e reprodução de forma a garantir, aos primeiros, a segurança de que não estavam investindo recursos na criação dos filhos de outros homens e, no caso das mulheres, a manutenção do envolvimento emocional e dos cuidados que o parceiro poderia oferecer a ela e seus filhos. O ciúme cumpriria o propósito de proteger os relacionamentos considerados importantes.

Existe uma estreita relação entre a violência conjugal e o ciúme (FONSECA, RIBEIRO e LEAL, 2012, SILVA, COELHO e NJAINE, 2014, AMARAL et al., 2016), apontado como desencadeador de agressões emocionais e físicas variadas dos homens contra suas companheiras, o que pode se perpetuar mesmo após o término dos relacionamentos. Embora os homens também sejam afetados pelo problema, os desequilíbrios de gênero ocupam um papel central na crise de vitimização feminina no Brasil. Kimmel (2005) afirma que a violência doméstica sofre variações atreladas ao balanço de poder nos relacionamentos, aumentando na medida em o poder se concentra nas mãos de um dos parceiros.

Frente ao exposto, o swing se apresenta não como uma modalidade específica de conjugalidade, mas como uma prática que requer a negociação das fronteiras da sexualidade conjugal. Trata-se de um espaço paradoxal, no qual convivem elementos tradicionais da heterossexualidade e uma tentativa de desenvolver soluções inovadoras para acomodar as novas exigências da conjugalidade contemporânea.

1.3 Swing

Os acordos conjugais assumem formas variadas e, embora a monogamia ainda se apresente como o padrão heteronormativo esperado e socialmente defendido, é possível pensar em monogamia e não-monogamia como dois extremos de um continuum (MATSICK et al. 2014). Os relacionamentos não-monogâmicos consensuais mostram grande pluralidade, podendo incluir desde novos arranjos conjugais, como no caso do poliamor, até abrir espaço para vivências como o swing, compreendido por seus adeptos como uma prática social recreativa.

Impossível deixar de observar o quão rico é o universo dos relacionamentos não-monogâmicos consensuais ao estabelecermos uma comparação acerca do lugar reservado ao amor entre os praticantes de swing e os poliamoristas. Enquanto os primeiros buscam dedicar o envolvimento afetivo a apenas uma relação, os adeptos do poliamor defendem a possibilidade de múltiplos envolvimento amorosos simultâneos – com o consentimento e conhecimento de todos os envolvidos.

Freire (2013) ressalta que o foco principal do poliamor não é o sexo, mas o compartilhamento de experiências e sentimentos. No Brasil, os relacionamentos poliamoristas começaram a receber um maior destaque nos últimos dez anos. Assim, além de trazer novos entendimentos acerca das suas redes sociais e do impacto no desenvolvimento de seus membros, cobram ainda uma atualização no âmbito jurídico para tornar possível a proteção dos direitos daqueles que aderem aos relacionamentos não-monogâmicos. Já os praticantes de swing não apresentam a mesma busca pelo reconhecimento da prática, estando satisfeitos em deixá-la no anonimato.

A literatura consultada não informa com exatidão a origem do swing no Brasil ou em outros países, embora seja comum encontrar o relato não-comprovado da prática da “troca de esposas” (termo adotado pela imprensa norte-americana dos anos 50, mas rejeitado pelos swingers pelo tom ofensivo de objetificação das mulheres) nas chamadas “festas das chaves”. Segundo a mídia norte-americana, militares e suas esposas participavam de festas nas quais os homens depositavam suas chaves no mesmo lugar e as mulheres, ao escolherem umas destas chaves, escolhiam também seu parceiro sexual para aquele encontro (BERGSTRAND e WILLIAMS, 2000).

O historiador Fontoura Jr. (2015) relata que os praticantes de swing no Brasil do final da década de 60 apresentavam relatos semelhantes acerca do contato inicial com a prática em viagens à Europa e aos Estados Unidos. Ainda, este último foi responsável pelo modelo de swing adotado no Brasil, incluindo a sua denominação e as justificativas para a prática como forma de defender a igualdade entre homens e mulheres na busca pelo prazer sexual e também a instituição familiar ao “combater a monotonia do casamento e, de quebra, prevenindo a traição” (p. 135).

A ascensão do swing coincide... com a derrota da politização do sexo: esvaziam-se, porque fracassam, as ações políticas que viam no sexo um instrumento de mudança, projeto tanto de libertários quanto de conservadores e próprias da chamada revolução sexual. Com o individualismo das relações, e o sexo como elemento importante nos relacionamentos, o prazer individual torna-se preponderante. A separação entre monogamia social e sexual, característica da prática de swing, questiona as concepções de que o sexo convencional promove alguma mudança social. (FONTOURA JR., 2015, p. 137)

O autor aponta o envolvimento da conjugalidade e o desejo de manutenção da família nuclear como as principais diferenças entre o sexo grupal praticado no swing e as orgias de outros tempos. Desta forma, convivem a transgressão aos ideais de monogamia atrelados à sexualidade conjugal e a busca pelo sigilo como forma de evitar a exposição/punições sociais, estando ausente entre os swingers o desejo político de mudar o mundo ou maiores preocupações filosóficas.

Se antes os praticantes estavam restritos às cartas e revistas masculinas como forma de entrar em contato uns com os outros sem expor a própria identidade, atualmente o desenvolvimento da tecnologia, especialmente da internet, permitiu uma maior rede de interação e o crescimento de um setor comercial dedicado aos swingers, contando com cruzeiros, hotéis e resorts exclusivos³. Estimula-se a formação de uma rede de contatos e amizades, com quem os adeptos podem trocar experiências e outros assuntos que não encontram espaço nas demais áreas de suas vidas em que convivem com não-swingers.

Swingers colaboradores da pesquisa de von der Weid (2010) apontaram esta construção de redes de amizades como um ganho secundário, sendo que elas podem funcionar inclusive como forma de atrativo para que se continue a frequentar

³ Fonte: Solar das Vertentes: Liberal Lifestyle e Casal First Tour. Disponível em: <<http://www.pousadasolardasvertentes.com.br>>; <<http://www.casalfirsttour.com.br>>. Acesso em: 11 set. 2017.

as festas mesmo quando o interesse sexual começa a diminuir – o que pode acontecer com os casais que participam há mais tempo.

Os participantes das pesquisas em sua grande maioria descreveram que seus casamentos foram beneficiados pelo contato com o swing, dado comprovado por Silvério (2014b) ao pesquisar swingers em Portugal, afirmando que o swing “fortalece o casamento e aumenta a percepção acerca da qualidade do mesmo; aproxima o casal emocional e sexualmente; melhora a vida sexual e aumenta o desejo pelo parceiro; além de propiciar uma comunicação mais aberta e honesta” (p. 123).

É importante ressaltar que na revisão da literatura realizada por Jenks (1998) foi apontado que nas 15 pesquisas selecionadas, entre os anos de 1970 e 1992, ocorreu o problema da dificuldade de se pesquisar amostras aleatórias de swingers, sendo que os estudos tiveram como foco apenas casais – apesar de a prática também ser encontrada entre solteiros, se basearam em pequenos grupos de pessoas dentro da mesma cidade ou comunidade e, em sua maioria, não utilizaram grupos de controle.

A literatura consultada aponta que, para os adeptos do swing, uma união sem crises amorosas ou repleta de conflitos é condição fundamental para se iniciar na prática (OSCAR, 2015). Cada casal definirá os limites da interação com os demais praticantes - podendo ir desde a ausência de contato físico até o chamado *Full Swap* - troca com penetração. Existem quatro pontos básicos a serem acordados entre os casais, quais sejam: como se aproximar, até que ponto se envolver, com quem se relacionar e onde acontecerão os intercursos sexuais (JENKS, 1998; VON DER WEID, 2010; SILVÉRIO, 2014a).

A iniciação do casal no swing costuma ocorrer a partir de uma proposta dos homens (JENKS, 1998; BERGSTRAND e WILLIAMS, 2000), sob o argumento de quebra da rotina sexual e o desejo de ver a parceira com outro homem (OSCAR, 2015). Segundo as pesquisas de von der Weid (2010) e Silvério (2014b), os homens seriam menos recriminados e expostos a constrangimentos morais ao fazer o convite de conhecer novas práticas sexuais, sendo que, ao mesmo tempo, existe a expectativa de que as mulheres assumam um comportamento esperado e atribuído aos homens de manter relações sexuais sem compromisso. Paralelamente, são as mulheres que apontam um maior número de mudanças positivas vivenciadas a partir

da adesão do casal, tanto no campo conjugal quanto em aspectos particulares relacionados à autoestima, paciência, confiança no parceiro e autonomia.

O ambiente swinger não é desprovido de normas reguladoras do convívio entre os frequentadores, sendo que um de seus principais tabus está relacionado à bissexualidade masculina. Trata-se de uma das poucas proibições diretas encontradas nas páginas de algumas baladas liberais; no entanto, o mesmo não ocorre com a bissexualidade feminina, que é esperada e encorajada. As fotografias dos anúncios são predominantemente dos corpos das mulheres em diversas posições, enquanto as masculinas em geral são um close do pênis ou com uma parceira, o que seria uma tentativa de evitar atrair o olhar de outros homens (VON DER WEID, 2009; SILVÉRIO, 2014b).

A respeito da questão e baseando-se em observações em festas swingers realizadas em uma boate na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, Oscar (2015) afirmou que “as relações sexuais e interações sociais entre os clientes observadas na boate fazem parte do extenso arcabouço de discursos e práticas característicos da heteronormatividade vigente, incluindo o preconceito contra representações não-heterossexuais” (p. 91). E, poderíamos acrescentar, especialmente as atreladas aos homens bissexuais ou homossexuais.

Duas das principais características do swing apresentadas pelos seus praticantes são o respeito ao livre consentimento, algo especialmente ressaltado em relação às mulheres e no lema “tudo é permitido, mas nada é obrigatório”, presente em publicações brasileiras e internacionais destinadas aos swingers; e, a separação entre os envoltimentos afetivo e sexual, sendo combinada por cada casal a extensão do contato permitido com terceiros (BERGSTRAND E WILLIAMS, 2000; VON DER WEID, 2009; SILVÉRIO, 2014b).

[...] os *swingers* prezam a exclusividade emocional e defendem a não monogamia sexual... a infidelidade... seria o rompimento com o pacto de confiança, consentimento e abertura comunicacional. Todos os informantes destacam que a confiança e o respeito são os pilares de uma relação e que um casal *swinger* precisa ter abertura para conversar sobre todo tipo de assunto, sem medos ou tabus. (SILVÉRIO, 2014a, p. 11)

O *mundo colorido*, como é chamado o universo dos praticantes de swing, possui uma cultura e vocabulário próprios – alguns dos principais termos estão expostos abaixo e foram selecionados pela pesquisadora a partir da consulta a sites

especializados e depoimentos de praticantes⁴. A ação, que inicialmente teve como finalidade aumentar a familiaridade com o tema, favoreceu a conversa com os participantes da pesquisa e a compreensão da lógica que o diferencia do chamado *mundo P&B* (preto e branco).

Os encontros entre swingers podem acontecer em ambientes particulares ou públicos, sendo que no primeiro caso as festas são organizadas pelos próprios praticantes e não costumam ter caráter comercial. Já no caso das casas ou clubes de swing, também chamadas de baladas liberais - embora nem todas sejam exclusivas aos swingers, mostra-se necessária uma breve explicação acerca do seu funcionamento.

O espaço físico costuma ser dividido em duas áreas: a primeira funciona com música, dança e eventuais apresentações de strippers contratados e das próprias swingers; a segunda é o ambiente íntimo ou *reservado*, onde acontecem os encontros sexuais. Algumas organizações são mais comuns no ambiente reservado, entre as mais conhecidas estão a sala aquário, que é fechada e cercada com vidros que permitem a observação dos ocupantes; o labirinto, que é formado por uma sequência de corredores estreitos; a sala coletiva, que é aberta ao público; e, as cabines ou cubículos, que proporcionam privacidade aos swingers.

Nem todos os frequentadores se definem como swingers, sendo possível encontrar os *iniciantes*, que estão apenas observando e pretendem participar no futuro. Já os *curiosos* estão no local apenas observando, mas não desejam participar. Os *singles*, ou solteiros que frequentam o swing, podem estar sozinhos ou acompanhando outro casal como *amigo* ou *namoradinho* (parceiro fixo de um casal); podem também ser *single casado*, quando o esposo(a) não participa e pode ou não saber sobre as ações de seu parceiro(a). Existe uma preocupação com a presença de *casais fake*, que são montados para facilitar o acesso dos indivíduos às casas, sendo comum a presença de homens com garotas de programa.

As práticas sexuais desejadas são definidas por cada swinger, sendo recomendado que os casais conversem a respeito das preferências e limites de cada um antes de irem ao swing. É evidente um cuidado para interagir com os demais swingers, já que se defende um vínculo emocional atrelado ao sexo somente

⁴ Fontes: <http://www.casaisliberais.com.br>; <http://revistaglamour.globo.com>;
<https://www.obaoba.com.br>; <http://apiceclub.blogspot.com.br>; <https://www.desireclub.com.br>;
<http://www.infinitynight.com.br>; <http://www.barbacantes.com.br>; <http://www.ga10.com.br>.
Acesso em: 11 set. 2017.

quando este é realizado com o parceiro. O *soft swap* e o *full swap* são termos usados para a troca sem penetração e com penetração. Já a *troca separada* ocorre com a manutenção dos membros do casal em salas distintas.

O ambiente de abertura para expressão dos desejos sexuais não se traduz em ausência de limites e, ao contrário do que inicialmente possa parecer, existem regras de comportamento e expectativas bem definidas. Uma das principais preocupações se refere ao sigilo e à proteção da identidade dos participantes, tanto online quanto nas baladas liberais, que proíbem o uso de celulares ou quaisquer outros métodos de registro de imagem; no mesmo sentido, os swingers tem buscado aprimorar as formas de verificação dos perfis e buscam comunidades mais e mais restritas nas quais a avaliação é constante e os usuários precisam comprovar regularmente a sua autenticidade e estado conjugal.

Muitas casas de swing restringem o acesso de indivíduos solteiros (*singles*) a algumas noites por semana ou a espaços específicos. O controle é mais rígido no caso dos homens, que pagam valores muito altos para entrar, enquanto as mulheres solteiras pagam quantias comparativamente simbólicas⁵. A razão para o controle é atribuída à falta de respeito que muitos demonstram com as mulheres e seus maridos swingers, relatando a terceiros suas experiências e, em alguns casos, ofendendo os participantes ao compará-los a prostitutas e cornos (SANTOS, 2010).

Portanto, a partir dos parágrafos anteriores, foi possível ampliar a compreensão das características e expectativas que pairam sobre os relacionamentos amorosos contemporâneos. O entendimento deste contexto permitiu que tratássemos também da explicação acerca do que é a prática de swing. A seguir, discutiremos questões referentes aos conceitos de gênero, masculinidades e sexualidade.

⁵ Na balada liberal e casa de swing Hot Bar, localizada em Moema, às quintas-feiras, os preços para casais, mulheres e homens são, respectivamente 100, 40 e 300 reais. Disponível em: <<https://www.hotbar.com.br>>. Acesso em: 13 set. 2017.

CAPÍTULO 2 - GÊNERO, MASCULINIDADES E SEXUALIDADE

O questionamento acerca das diferenças que separam homens e mulheres não é assunto recente, e cada vez mais tem se tornado objeto de discussão na medida em que as diferenças de poder, oportunidade e tratamento facilmente observáveis no cotidiano são progressivamente apontadas pelos grupos menos favorecidos. Giddens (2001) informa que de modo geral os papéis exercidos pelos homens ainda são mais valorizados e não há notícia, mesmo levando-se em conta a variação cultural, de uma sociedade em que o contrário ocorra. O autor acrescenta que, via de regra, as mulheres ainda são responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e pela educação primária dos filhos, ao mesmo tempo em que pesa sobre os homens a expectativa de que sejam os provedores do sustento familiar ou que ganhem mais que suas parceiras.

O Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2017⁶, do Fórum Econômico Mundial, classifica 144 países sobre a desigualdade entre homens e mulheres nas categorias de saúde, educação, economia e representatividade política. Nenhuma nação resolveu completamente o problema em todas as áreas. Após uma crescente melhora desde 2006, quando o índice começou a ser publicado, a desigualdade entre homens e mulheres aumentou em 2017 e, mantendo-se o ritmo atual de avanço, a estimativa para uma solução global é de 100 anos. O Brasil, que em 2006 estava na 67^o posição, atualmente ocupa o 90^o lugar na lista e tem como aspectos mais graves a serem solucionados a pouca representatividade política feminina e a diferença salarial.

Os índices de violência⁷ no Brasil deixam clara a perigosa situação ainda presente ao situar o país como o 5^o colocado no ranking mundial de homicídios de mulheres, em um grupo de 83 países, superado apenas por El Salvador, Guatemala, Colômbia (três países sul-americanos) e a Federação Russa. Um fator relevante para a compreensão do caráter dessa violência está no seu alto grau de domesticidade.

O levantamento traz também dados do Sistema Único de Saúde (SUS), colhidos através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do

⁶ Fonte: <reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2017/press-release>. Acesso em: 20 set. 2017.

⁷ Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres no Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 20 set. 2017.

Ministério da Saúde. São informações decorrentes da notificação compulsória nos casos em que crianças, adolescentes, mulheres ou idosos são vítimas de *violência doméstica, sexual e/ou outras violências*. De cada três vítimas, duas são mulheres e há predominância de agressões praticadas por parentes imediatos, parceiros e ex-parceiros.

A compreensão e enfrentamento, mesmo que insuficiente, das desigualdades entre homens e mulheres evoluíram muito a partir dos estudos de gênero. Historicamente, o uso do termo gênero é recente e surge da década de 1970 no campo dos chamados estudos sobre as mulheres, que tiveram início com o movimento feminista (MACIEL JR., 2006). Buscavam-se novas explicações para as desigualdades entre homens e mulheres, até o momento baseadas em determinismo biológico desencadeado pelo sexo. O autor informa que a socióloga Ann Oakley o introduziu em sua obra *“Sex, gender and society”*, buscando justamente separar o caráter biológico do sexo da construção sociocultural do gênero.

O objeto de estudo do gênero foi ampliado com o tempo para possibilitar a compreensão das formas de organização e funcionamento das sociedades, de maneira a incluir não apenas as mulheres, mas também as relações entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens, construindo uma perspectiva relacional e influenciada por múltiplos fatores de análise, tais como classe social, momento histórico e região geográfica.

Joan Scott, no artigo ‘Gênero: uma categoria útil para a análise histórica’, salienta que o gênero se apresenta como um dos principais elementos constitutivos das relações sociais e pressupõe quatro aspectos interligados entre si:

[...] primeiro – símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias) – Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente. (...) segundo – conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas, jurídicas e tipicamente tomam forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino. (1995, p. 21)

O terceiro aspecto apontado pela autora (Scott, 1995) destaca as relações de gênero no âmbito de discussão das relações sociais e políticas, com base em uma proposta que se contrasta com o discurso dominante de forma a ultrapassar a noção

de fixidade e “descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros” (p. 22). Finalmente, o quarto aspecto, diz respeito ao gênero como identidade subjetiva.

A presente pesquisa, que busca contribuir para a compreensão da experiência de homens heterossexuais acerca da prática do swing, fará uso do conceito de gênero conforme trazido por Kimmel (2005), segundo o qual trata-se do conjunto de comportamentos, atribuições e crenças sobre o que significa ser homem ou mulher. Embora outras variáveis de análise devam ser levadas em consideração, tais como classe social, idade e educação, o autor afirma que seria o gênero, e não a orientação sexual, a força que organiza expressões, desejos e experiências sexuais.

Dessa forma, enquanto o sexo dos indivíduos se refere às diferenças anatômicas e genéticas, o gênero aponta o que foi social e historicamente construído. No entanto, é importante lembrar que o corpo humano também está sujeito à influência da cultura, não havendo sexo ou gênero sem um corpo, que tem limites, trabalha, envelhece, adoce e informa hábitos, contexto cultural e o quanto se está em conformidade com os padrões sociais (MACIEL JR., 2006; SOUZA, 2015⁸).

Em obra, Barbieri (1993) explicita:

[...] os sistemas de gênero/sexualidade são o conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir de uma diferença anatomofisiológica e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução humana e em geral ao relacionamento entre as pessoas (...) os sistemas de sexo/gênero são, portanto, o objeto de estudo mais amplo para compreender e explicar a subordinação feminina – dominação masculina. (p. 149)

Segundo Connell e Pearse (2015), ser homem ou mulher não é determinado pela natureza, nem imposto por normas sociais ou pressões das autoridades: trata-se de uma construção feita cotidianamente. Os autores afirmam que as fronteiras entre os gêneros não são fixas e ganham cada vez mais destaque situações em que indivíduos buscam ultrapassar as crenças e expectativas acerca do seu lugar social designado.

⁸ Comunicação oral: notas de aula da disciplina “Masculino e Feminino: entre o público e o privado”. Ministrada por: Rosane Mantilla de Souza (2015).

O gênero não marca uma diferenciação neutra, mas impõe uma estratificação social. O duplo-padrão, resultante da divisão desigual de poder entre homens e mulheres no que se refere à sexualidade permanece, e com ele, a crença de que o desejo sexual masculino é maior do que o feminino, de que os homens sempre terão como objetivo provar a própria masculinidade através de suas conquistas sexuais e que as mulheres respeitáveis teriam um impulso sexual consideravelmente menor ou deveriam mantê-lo sob controle – neste contexto, o sexo adquiriria o caráter de competição (KIMMEL, 2005; CONNELL e PEARSE 2015).

As relações de gêneros são, portanto, construídas dialeticamente, e refletem as crenças e contradições dos indivíduos – homens e mulheres - que compõe uma sociedade. As experiências de homens e mulheres, enquanto distintas, se relacionam e complementam, de forma que o intercâmbio do poder não passa isoladamente pelo campo do Direito, da mídia ou das instituições sociais, sendo as desigualdades sustentadas por práticas cotidianas que produzem identidades e modelam comportamentos.

Embora os homens e a masculinidade aparecessem nos trabalhos de teóricos feministas anteriores à década de 80, foi apenas a partir deste período que o seu estudo ultrapassou o caráter subsidiário e ganhou destaque como disciplina própria (GIDDENS, 2001). A partir deste processo reflexivo, foi organizada em 1987, por Michael Kaufman, a primeira coletânea de artigos. Intitulada '*Beyond the Patriarchy: essays by men on pleasure, power and change*', tanto homens heterossexuais como homossexuais refletem sobre o sistema patriarcal e apontam o poder e a interiorização de estruturas sociais de opressão como questões centrais deste fenômeno (MACIEL JR., 2006).

A dominação masculina não é negada, no entanto, o autor (MACIEL JR., 2006) considera que os homens são marcados e brutalizados pelo mesmo sistema que os favorece com poderes e privilégios, sendo uma experiência pessoal de dor e alienação, principalmente pela possibilidade de não se encaixar nos padrões esperados. A isto chama de "experiência contraditória do poder masculino" (p. 34).

Connell (1995) define masculinidade como um espaço simbólico que estrutura a identidade de ser homem, incentivando a adoção de atitudes, comportamentos e emoções valorizados. Seguir os modelos disponibilizados socialmente abre acesso ao reconhecimento enquanto homem e ao apoio dos que compartilham desses símbolos. Assim, a masculinidade não tem um modelo único ou fixo, mas representa

um conjunto de atributos, valores e condutas que são esperados dos homens de uma determinada cultura e em determinado momento do tempo. Traz ainda o conceito de masculinidade hegemônica - aquela que se tornou o padrão a ser perseguido por todos os homens, dentro de um ideal cultural e perante o qual se alcança status na sociedade – que é formada por alguns princípios fundamentais. O principal deles é o repúdio a características ligadas ao feminino, ou seja, definindo ser homem como não ser igual a uma mulher. Ainda, observa-se a busca pela aprovação de outros homens, com a exibição dos símbolos de riqueza e poder associados à masculinidade.

Segundo Maciel Jr. (2006), o conceito de masculinidade hegemônica permite pensar no aspecto dinâmico das masculinidades, que são sustentadas por estruturas e normas sociais, dentro de uma dinâmica cultural pela qual um grupo defende uma posição privilegiada e superior aos demais, e que tem como uma de suas partes essenciais o chamado “heterossexismo”. O homem ideal seria “forte fisicamente, bem-sucedido na sociedade, estável e capaz de defender a si próprio e à sua comunidade; além de um excelente amante heterossexual” (p. 58).

A masculinidade, sendo um construto em constante mudança, é elaborada através das relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros significativos e com a sociedade. Não há apenas uma forma dela ser vivenciada, existindo também entre os homens diversos modelos de masculinidade e vivências mais valorizadas, em detrimento de outras – fala-se, então, em masculinidades hegemônicas e masculinidades subordinadas, rejeitando-se a ideia de que todos os homens são iguais. De acordo com Maciel Jr. (2006), a masculinidade também existe em outros níveis que não os da vida pessoal, agindo nas comunidades, na cultura e nas instituições, de forma a produzir padrões de gênero particulares à sua cultura organizacional.

Connell (1995) afirma que, além da hegemonia, existem diferentes posições possíveis nas relações entre as masculinidades tendo-se em vista o fato de que a grande maioria dos homens não alcança os ideais valorizados, ou o faz parcialmente. A cumplicidade é caracterizada por aqueles que, mesmo não se ajustando aos modelos dominantes, o defendem e praticam, com vistas a desfrutar da subordinação das mulheres; a subordinação, produzida em comparação ao ideal de superioridade masculina e do que deveriam ser o desempenho e as práticas sexuais, sendo representada principalmente pelos homens homossexuais; e, por

fim, a marginalização, relativa à intersecção das relações de gênero com as estruturas de classe e etnia; desta forma, há a desautorização social de grupos que, mesmo compartilhando algumas características com a masculinidade hegemônica, ocupam uma posição inferior frente à autoridade exercida pelo grupo dominante.

A homofobia é mais do que o medo ou o ódio aos homossexuais, sendo que, para os homens, há também o medo de ser desmascarado como uma fraude e visto como afeminado, não-masculino ou gay. Esse medo traz consigo a vergonha e com ela o silêncio frente a comportamentos condenáveis de outros homens no tratamento de mulheres, minorias, gays e lésbicas; homofobia e sexismo andam de mãos dadas. Não é incomum que homens heterossexuais gastem muito tempo e energia demonstrando a sua masculinidade para que ninguém fique com uma impressão errada a seu respeito; as mulheres costumam se preocupar menos com isso. Os comportamentos compensatórios geralmente envolvem performances estereotipadas, com os indivíduos agindo de formas exageradamente masculinizada ou feminina (KIMMEL, 2005).

Considerando o apresentado, todas as sociedades apresentam um conjunto de regras objetivando regulamentar os comportamentos sexuais e as relações interpessoais, com algumas interações e comportamentos sendo aprovados enquanto outros são condenados (GIDDENS, 2001). O autor aponta a convivência na atualidade de atitudes mais tradicionais e libertárias em relação à sexualidade. Torna-se cada vez mais comum a concordância acerca da importância do prazer sexual para homens e mulheres, o que remete à necessidade de se compreender o processo subjacente, ou seja, a sua transmissão e construção: a socialização sexual.

2.1 A socialização sexual

A socialização sexual (KIMMEL, 2005) dos indivíduos é o processo responsável pela transmissão dos valores, normas e expectativas sociais sobre o comportamento sexual dos seus integrantes e responderia pela semelhança acerca do que é considerado normal ou desviante dentro de cada cultura em um determinado momento histórico. Desta maneira, aprende-se, por exemplo, quem seriam parceiros sexuais adequados, quem pode ser objeto do desejo sexual e

como/quando/onde se fazer sexo – via de regra segundo os ideais heteronormativos presentes na quase totalidade das instituições.

A heteronormatividade se refere a uma ideologia que reconhece como superior e correto aquilo que culturalmente foi associado à heterossexualidade, incluindo uma perspectiva tradicionalista de gênero e da vida familiar – o que resulta em um entendimento binário e estático de gênero e na exclusão e sofrimento daqueles que por qualquer motivo não se enquadrem (OSWALD, BLUME e MARKS, 2005; CONNELL e PEARSE, 2015).

Nos últimos anos a experiência sexual de homens e mulheres se aproximou em razão das mudanças no comportamento feminino, sendo que as mulheres começaram a poder separar o prazer sexual da reprodução – algo que sempre foi acessível aos homens (GIDDENS, 1992; KIMMEL, 2005). O duplo-padrão sexual, explicado por Kimmel (2005) como o peso desigual atribuído ao mesmo comportamento conforme praticado por homens ou mulheres, não foi extinto, mas as regras e as consequências à sua desobediência não são impostas com a mesma consistência e agressividade de antes.

Kimmel (2005) fala em masculinização do sexo, referindo-se à busca pelo prazer, aumento do número de parceiros sexuais, interesse na experimentação sexual e a separação entre sexo e amor. Essa transformação seria resultado de avanços tecnológicos, que vão desde a pílula anticoncepcional até a internet, e também da promessa da revolução sexual de maior liberdade sexual com menores consequências físicas e emocionais. O autor destaca o papel das mulheres, que desafiam e buscam reconstruir a percepção de uma sexualidade feminina passiva e receptiva.

As relações de gênero podem ser observadas com clareza no intercâmbio sexual, influenciando inclusive o campo das fantasias sexuais que “podem ser entendidas como ilustrações das diferenças de gênero que são construídas socialmente” (KIMMEL e PLANTE, 2005, p. 46). Realizando uma pesquisa acerca das fantasias sexuais com 340 estudantes de graduação de ambos os sexos, os autores observaram diferenças significativas entre respostas de homens e mulheres que foram solicitados a narrar uma fantasia sexual recorrente.

Entre os resultados foi possível observar que as fantasias narradas pelos homens tendiam a ser mais curtas, principalmente em razão da ausência de elementos ligados à emoção e à construção de um cenário sensual. Nas fantasias

femininas, os parceiros eram homens conhecidos – parceiros atuais ou passados; nas relações descritas nos relatos masculinos a identidade das mulheres representadas era incerta, podendo ser estranhas, amigas ou múltiplas parceiras. Por fim, a linguagem dos homens e mulheres refletiam as respectivas posições de poder tradicionalmente vistas em sociedade.

Os autores apontam as possíveis consequências negativas das diferenças de poder e expectativas narradas nas fantasias na negociação da prática de sexo seguro – uso de contracepção e métodos para evitar o contágio por doenças sexualmente transmissíveis; ainda, é possível que as dificuldades advindas do confronto das fantasias individuais com a realidade possam desencadear situações de assédio e estupro.

No cenário contemporâneo, conforme descrito nos capítulos acima, existe uma demanda de frequentes renegociações e reconstruções de expectativas e entendimentos acerca da dinâmica relacional entre homens e mulheres nos mais variados setores da vida cotidiana. Buscar entender as inovações que tentam dar conta da complexidade atual é passar pela vivência masculina e pelos modelos que regem seus comportamentos e ideais, destacando aqui a experiência da conjugalidade.

Os praticantes de swing evidenciam uma preocupação com a manutenção do ideal de igualdade entre homens e mulheres na busca pelo prazer sexual, ao mesmo tempo em que se reproduzem padrões heteronormativos de comportamento. Assuntos como a precaução acerca das atitudes de singles masculinos na interação com as mulheres e o tabu em relação à bissexualidade e à homossexualidade masculinas evidenciam a importância de se observar a influência do gênero no intercâmbio sexual entre os swingers.

MÉTODO

Consideramos pertinente, frente ao objetivo da presente pesquisa, adotar o método qualitativo que, de acordo com os ensinamentos de Creswell (2010), constitui um método adequado quando se faz necessária a exploração de determinada questão, para se chegar à uma compreensão complexa e detalhada pelo discurso dos sujeitos, com a compreensão dos contextos por eles vivenciados.

O autor ressalta algumas das principais características das pesquisas qualitativas: condução em ambiente natural; baseia-se no pesquisador como instrumento para coleta de dados; emprega raciocínio complexo, entre o dedutivo e o indutivo; foca na perspectiva e nos significados atribuídos pelos participantes; envolve um projeto em evolução; é interpretativa e holística. Assim, a ideia fundamental é de que o pesquisador possa aprender sobre o problema ou questão com os participantes.

Nesse sentido, Minayo (2010) afirma que o método qualitativo se destina ao estudo das relações, da história, das crenças, representações, percepções e opiniões, todos resultantes das interpretações que as pessoas elaboram a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmas, sentem e pensam.

É importante a objetivação, segundo a autora, na forma do reconhecimento da complexidade do objeto estudado e da proximidade de sua natureza com a do pesquisador, o que leva à necessidade de afastar a pretensão de neutralidade e o excesso de julgamentos de valor. Não é, conseqüentemente, pretensão da atual pesquisa buscar regras generalizadoras e que reduzam as demais realidades encontradas na sociedade brasileira às experiências dos sujeitos participantes.

Participantes

Os critérios para inclusão na pesquisa foram: homens praticantes de swing, maiores de 18 anos, casados ou em união estável há mais de um ano e que participaram com suas companheiras de eventos de swing pelo menos duas vezes nos seis meses que antecederam a entrevista. O último marcador serviu como uma forma de excluir aqueles homens que se aproximaram do meio swinger por mera curiosidade ou como experiência única em relacionamentos.

Observados tais parâmetros, selecionamos três homens com idade média de 42 anos, em comunidades virtuais destinadas exclusivamente ao público swinger. O número de participantes foi definido em função do conteúdo trazido pelas entrevistas e que se mostrou suficientemente adequado para o alcance dos objetivos propostos.

Visando proteger a identidade dos entrevistados e dada a natureza delicada e íntima das informações por eles disponibilizadas, a íntegra da transcrição das entrevistas não foi disponibilizada no corpo da pesquisa. Os entrevistados foram identificados pelos nomes fictícios: André, Felipe e Maurício.

Procedimento

Para a captação dos participantes criamos um perfil online para a pesquisadora em sites de encontro destinados exclusivamente aos swingers com o propósito de apresentar a pesquisa e convidar possíveis interessados. Frente ao grande número de perfis encontrados, fez-se necessária uma pré-seleção com base nos dados disponibilizados pelos usuários. Dessa forma, foram consultados apenas perfis de casais e dos quais constassem fotos pessoais. A preferência pela publicação de fotos pessoais serviu como filtro para evitar perfis falsos, conforme indicado pelas orientações constantes das próprias comunidades.

Frente à demonstração de interesse, a pesquisadora combinou um horário para entrar em contato por telefone ou por Skype. Após nova e mais detalhada explicação a respeito da pesquisa, esclareceu as dúvidas dos participantes e agendou um horário para as entrevistas individuais em local adequado para manutenção de conforto e privacidade. Quando do encontro a pesquisadora solicitou o preenchimento do TCLE⁹.

As entrevistas tiveram duração média de uma hora e meia, sendo posteriormente gravadas e transcritas na íntegra.

Instrumento

As informações necessárias ao trabalho foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. As perguntas foram planejadas de forma a permitir

⁹ O Projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP e foi aprovado com o número 1.988.203.

que os participantes refletissem sobre a realidade por eles vivenciada e falassem mais abertamente a respeito dos temas apresentados e suas experiências subjetivas, bem como a possibilitar à pesquisadora perguntar e fazer intervenções com o objetivo de ampliar e/ou aprofundar o nível das informações, além de garantir que todos os pressupostos levantados fossem abordados (MINAYO, 2010).

As entrevistas ocorreram em local adequado à manutenção do sigilo das falas e identidades dos participantes, foram registradas com uso de gravador de voz digital e posteriormente transcritas. Abaixo, segue o roteiro dos eixos pesquisados:

1. Histórico do relacionamento conjugal atual
2. Decisão sobre a prática do swing
3. Percepções acerca do ciúme
4. Impactos da prática do swing no relacionamento

Análise dos dados

Os dados coletados foram transcritos de forma a possibilitar repetidas leituras e uma melhor apreensão do sentido das entrevistas.

Iniciamos apresentando os Dados de Identificação e Histórico Conjugal de cada um dos entrevistados. Em seguida, o conteúdo colhido durante as três entrevistas foi organizado em quatro tópicos de acordo com os objetivos específicos: A lógica do swing; Motivos que levam ao swing; Crenças de gênero; e, Percepções acerca do Ciúme.

Os dados coletados foram submetidos à análise temática, um método que se destina a identificar, analisar e relatar temas dentro dos dados (BRAUM e CLARKE, 2006). As autoras ensinam que um tema capta algo importante a respeito dos dados em relação à questão de pesquisa, representando um certo nível de resposta ou significado.

Assim, a leitura das entrevistas permitiu a identificação de temas comuns e de aspectos divergentes. Tais informações foram discutidas em conjunto e analisadas com auxílio da literatura levantada na parte teórica, de modo a permitir a compreensão de aspectos gerais da vivência dos homens praticantes de swing.

O swing, como lugar de reprodução de modelos tradicionais de heterossexualidade, fez necessária uma atenção especial aos impactos da diferença

de gênero entre pesquisadora e entrevistados. Durante a análise das entrevistas foi considerada a sua influência não apenas no contexto estudado, mas também na sua própria realização. O impacto desta diferença se apresentou como objeto de interesse para construção das reflexões e imprescindível para compreensão das expressões das masculinidades nos contextos do swing (MACIEL JR. e SOUZA, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo buscamos compreender a experiência de homens praticantes de swing e sua perspectiva de relacionamento conjugal. Para tanto, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas com três swingers do sexo masculino, casados ou em união estável há mais de um ano e que participaram com suas companheiras de eventos de swing pelo menos duas vezes nos seis meses que antecederam a realização da entrevista.

Iniciaremos com uma breve apresentação de cada participante de modo a possibilitar uma contextualização de suas experiências, sem, no entanto, trazer informações que por ventura possam facilitar sua identificação, cabendo ressaltar que os três compartilharam características assemelhadas: são brancos, provenientes das camadas médias da população, tem nível educacional universitário e idade média de 42 anos.

Em seguida, o conteúdo colhido durante as entrevistas e submetido ao processo de análise temática, foi organizado e apresentado em quatro tópicos de acordo com os objetivos específicos da pesquisa: a lógica do swing; motivos que levam ao swing; crenças de gênero; e, percepções acerca do ciúme. Em ambos os casos foram usadas vinhetas que fundamentam a descrição e discussão do observado.

Ressaltamos que todos os nomes utilizados são fictícios e que na apresentação dos casos levamos em conta o compromisso ético de não expor os colaboradores desta dissertação

- Os Participantes

André

Dados de Identificação e história conjugal

O primeiro casamento de André durou 7 anos e foi durante este período que começou a praticar swing, acompanhado pela esposa. O convívio com a ex-mulher ainda é turbulento, o que dificulta seu relacionamento com o único filho, de 20 anos, e que, segundo André, é influenciado pela mãe. Mencionou que, a partir do momento em que se encontraram, tudo aconteceu rápido, com paixão, e apenas

quando já moravam juntos e tinham um filho – menos de um ano após se conhecerem - foram capazes de perceber as muitas diferenças entre os dois.

Após o término do casamento, vivenciou um relacionamento que durou 4 anos antes da união atual. O ciúme foi um sentimento marcante no casamento, bem como no namoro, fazendo com que André passasse por ambos os lados do problema: como ciumento excessivo durante o casamento e como objeto das desconfianças da namorada. O alto grau de desconfiança em relação à esposa chegou a escalar para episódios de violência contra terceiros e situações em que expôs sua vida a riscos.

...os extremos... o que eu já fiz, estou passando agora. Então, pensei assim, tem que ter um ponto de equilíbrio... o ciúme que é um ciúme normal, é você cuidar da pessoa. Passou disso, já é doentio, prejudicial, uma relação que não é nem amor, é uma possessão, chega a ser doença.

Há cinco anos está no que descreve como um relacionamento forte com Ana, e que considera equivalente a um casamento. Como André, ela é divorciada e tem filhos do primeiro casamento, com quem mantém um bom convívio. O casal mora em casas separadas e se encontra cerca de quatro vezes por semana. Eles se conheceram no meio swinger e escolheram continuar na prática.

Segundo André, o fato de ambos serem praticantes como a situação ideal porque nada fica em segredo e há espaço para uma comunicação constante e aberta.

O relacionamento melhora bastante, se ambos forem do meio. Como essa minha ex-mulher, separei dela não foi por swing... o swing até ajudou um pouquinho a gente a ficar mais juntos, e a gente saía mais, curtia mais... a gente separou por outras coisas.

Felipe

Dados de Identificação e história conjugal

Felipe é casado há 13 anos com Fernanda, o casal não tem filhos e começou a praticar swing em 2013.

O casamento foi resultado do seu primeiro namoro, iniciado aos 18 anos e não tem filhos. Ambos se conheceram em um bar GLS, mesmo local onde ocorreram também suas primeiras experiências com outros homens. Segundo Felipe, o casal já se iniciou dentro de um relacionamento aberto.

Após alguns anos de casamento, Felipe voltou a sentir desejo por outros homens e isto o levou manter relacionamentos extraconjugais. Quando sua mulher descobriu, ambos conversaram sobre a possibilidade de manter o casamento e foi neste contexto que ela sugeriu a prática do swing. Felipe entendeu que esta foi a maneira encontrada para lidar com sua atração física por homens. Acrescentou, no entanto, que as traições não acabaram depois da iniciação no swing, e que se sente envergonhado e arrependido de suas ações.

Felipe definiu positivamente seu casamento com Fernanda devido à presença de respeito e amor. Afirmou não duvidar dos sentimentos compartilhados pelo casal, por vezes atribuindo as traições recorrentes ao simples desejo sexual ou, inversamente, afirmando desconhecer por completo a razão do próprio comportamento.

Acho que o relacionamento conjugal é muito isso - respeito, amor, vontade nas partes de estar junto, construir coisas, edificar. Ter um objetivo junto. Senão não faz sentido. Nós, por exemplo, somos um casal que não quer ter filhos.

Apontou que ao longo dos anos de união, ele e Fernanda conseguiram superar obstáculos referentes a problemas de saúde e diferenças de valores familiares na criação, ressaltando as traições como o problema mais grave e persistente. Na sua avaliação, percebe que existe um desequilíbrio na divisão de tarefas entre o casal e falta de iniciativa de Fernanda, o que acaba deixando com ele a administração das finanças e rotina conjugais.

Ela não tem iniciativa para fazer praticamente nada na vida dela. Isso é uma coisa que me incomoda. É muito dependente de mim. Se um dia eu faltar, não sei o que vai acontecer com ela.

Maurício

Dados de Identificação e história conjugal

Maurício está casado há 14 anos e tem dois filhos adolescentes. Após um período de aproximadamente oito meses no meio liberal, abandonou o swing por exigência da esposa.

O relacionamento começou quando era bastante jovem, aos 15 anos, e foi seu primeiro namoro sério. Acredita que isso fez com que ambos deixassem de experimentar muitas coisas e foi um dos fatores que contribuíram para que traísse sua esposa.

... tive a vontade de conhecer pessoas diferentes, mas infelizmente eu estava casado. E não era um amor diferente, não queria ser amado, eu não tinha uma ausência de amor, uma ausência de companheirismo, eu tinha vontade de conhecer mulheres na cama, era essa a realidade. Eu só buscava sexo.

Contou que a traição durou pouco tempo e foi descoberta por Mariana após já ter acabado, o que a ajudou a perdoá-lo. Segundo Maurício, foi ela quem sugeriu a prática de swing como meio de compartilharem desejos em comum.

Maurício falou sobre a necessidade de manter existências paralelas, uma vez que a vida no swing e a vida cotidiana não se cruzam. Este fator levou ao afastamento do casal de duas redes sociais importantes: religiosa e familiar. Este aspecto foi mencionado por ele como crucial para a decisão da esposa de parar com o swing.

Porque na verdade ela se afastou de algumas coisas que ela fazia, em parte da religião... então a família começou a cobrar, começou a achar estranho e ela já achou que a família iria descobrir. Foi uma decisão dela. Tem que aceitar, eu não posso fazer nada. Eu achei ruim, mas como eu tinha uma parcela de culpa de toda essa situação que deixou ela confusa, eu tive que aceitar.

Após a saída do swing, sua esposa pediu que ele deixasse a casa para que ela pudesse refletir. Atualmente ele já retornou e o casal escolheu deixar a traição e

o swing para trás, em uma aparente repetição da lógica inicial que os levou ao swing:

Eu passei por tudo isso nesses últimos meses, a situação da traição, a situação de um casamento que para mim era perfeito e quase perdi, uma coisa de egoísmo da minha parte de achar que o swing seria bom, era bom e estava bom, mas estava bom para mim.

Relatou a mágoa por não ter sido incluído na decisão de saída do swing, uma vez que iniciaram juntos e apenas Mariana decidiu parar, comunicando-o acerca do que iria acontecer. Acrescentou a isto o sentimento de desvalorização frente à família dela, o que também entende como uma interferência na sua vida conjugal.

Eu acredito que inicialmente para ela a mágoa de ter sido traída voltou. O fato da gente não estar mais praticando deixou ela insegura, então houve uma insegurança de achar que eu poderia estar me envolvendo com outra pessoa. Da minha parte, uma intolerância por não ter sido ouvido e não ter sido a minha opinião colocada, então de ambas as partes a intolerância ao querer individual.

Embora os três participantes tenham perfil assemelhado aos aos norte-americanos descritos por Jenks (1998) e Bergstrand e Williams (2000) no que se refere a características demográficas como idade, nível sócio-econômico-educacional, brancos e casados, suas histórias conjugais e experiências pessoais como o swing, que são diversas, permitiram identificar e discutir informações de modo a responder a nossos objetivos específicos, conforme tratamos a seguir.

- A lógica do swing

O mundo do swing, que a um primeiro olhar parece oferecer a possibilidade de vivências sexuais sem regras, na verdade conta com um conjunto amplo de expectativas e normas – expressas ou não – que o tornam um ambiente altamente controlado e, na percepção de seus praticantes, seguro. Segundo Kimmel (2005), a masculinização do sexo leva a uma separação entre sexo e amor, ao aumento do número de parceiros sexuais, à busca pelo prazer e aumento do número de

parceiros sexuais. Foi observado em nossa pesquisa que esta vivência masculinizada da sexualidade é a proposta pelos swingers. Permite-se, assim, a separação entre o afeto, que fica reservado ao relacionamento conjugal, e o sexo.

Geralmente no dia do swing assim, é o casal falar, "sexo, sexo, sentimento é outra coisa". É uma coisa que geralmente rola na hora, rolou uma brincadeira lá, e dali pra fora, a vida que segue. Então, se você for um dia, digamos assim, eu for, um casal for, se você for, você vai ver vários homens lá. Se você um dia sair na rua, um homem do swing te vê, ele não vai falar com você, essa é a ética, a não ser que você fale com ele antes. (André)

É possível enquadrar a prática de swing como uma forma de dar conta das novas exigências conjugais de igualdade, reciprocidade e liberdade ao mesmo tempo em que tenta preservar a união do casal e a feminização do amor (HIME, 2008). Os relacionamentos contemporâneos conjugam a busca pela realização pessoal e relações equilibradas com a manutenção de ideais românticos de completude (SOUZA E RAMIRES, 2006).

Neste sentido, André fez observações acerca do papel benéfico do swing na administração da conjugalidade, como meio de alcançar a satisfação sexual para ambos os parceiros, impedir infidelidades conjugais e aproximar o casal sexualmente, melhorando a comunicação e a confiança. Os entrevistados ressaltaram que a prática não é entendida como traição, uma vez que existe um acordo entre o casal, mas isso não significa que não ocorram infidelidades.

Lá não é traição, é uma coisa compartilhada... mas dentro do swing tem pessoas que buscam traição. Por exemplo, eu saio com um casal e o cara gosta muito da minha mulher e fala: "se você quiser pode me ligar que eu saio single", já aconteceu com a gente do cara gostar e falar se a gente curte single, a gente fala curte, que é chamar o rapaz para fazer a três, eles falam "então me liga que eu dou perdido na minha mulher e a gente sai", aí é traição, entendeu? Ele está traindo a confiança da mulher dele e a gente não aceita, porque pode ser que eu faça também e minha mulher não iria gostar. (Maurício)

Notou-se a presença de dois conjuntos de regras: um mais geral e aplicável a todos os praticantes e outro definido por casal na interação com os demais swingers. São todas estas regras que compõe um verdadeiro processo paralelo de socialização sexual (KIMMEL, 2005), ou seja, uma transmissão de valores, normas e expectativas sociais sobre o comportamento sexual dos praticantes de swing.

Tem regras bem claras, bem precisas, normalmente o homem quando vai só, ele é chamado normalmente pelo gerente, ele chama, fala: “você já teve aqui alguma vez?”. Se ele falar: “nunca estive”, então o gerente chama em um canto ou chama em uma salinha pra falar: “a casa é isso, essas são as regras da casa, se você não se comportar vai ser convidado a se retirar, infelizmente”. (André)

Se o cara tiver afim o cara vai falar e tal, eu estou a fim da sua companheira, ela vai falar não estou a fim e pronto, vai ficar só no papo. (André)

Às vezes, se você navegar mais no site, vai ver que tem casal que quer o single pague a conta. Se vai sair com o single, que ele paga a conta. Não leve em casa de jeito nenhum, encontro sempre no motel. Cada um define a sua regra. Outro dia vi um casal comentando que achava um absurdo pedir que a pessoa mostrasse foto de rosto. Eu pensei - como você vai sair com uma pessoa sem ver o rosto, vai encontrar só na hora. Acho que cada um é cada um. Respeito, mas é um tipo de pessoa que não sairia. (Felipe)

A regra principal, eu só falo com os homens e ela fala com as mulheres... raramente a gente cria um grupo com o casal que a gente vai sair. A gente vai sair amanhã, então a gente cria o grupo hoje e falam os quatro juntos, resolve o que vai ser permitido e não permitido, o que eles têm de regra ou não... porque... alguns casais eles permitem sexo oral, mas não permitem beijo, por exemplo. Vai entender, são as regras porque eles acham que o beijo é muito íntimo. (Maurício)

O trânsito pelas casas de swing ou baladas liberais exige que os swingers lidem com questões de privacidade e o aspecto comercial da prática. Trata-se de um comércio, o que pode fazer com que os princípios defendidos pelos praticantes, como o total respeito à liberdade de negar contatos íntimos com outros swingers

sem necessidade de incômodos, fiquem em segundo plano. Isto, atrelado às preocupações com a privacidade tem feito com que os swingers procurem opções mais seguras para os encontros, tais como as festas particulares que são frequentadas apenas por casais conhecidos.

...eu com a minha parceira, eu vou em uma casa de swing, eu pago de 50 a 100 reais pra entrar, isso que eu pago para entrar o casal, homem já paga de 250 a 500 reais, então já é uma grana, então a parte comercial é muito forte. Então tipo dez homens, 5 mil reais paga as despesas da casa praticamente, então homem só... toleram algumas coisinhas, tantos que os casais de uns anos para cá tão saindo um pouco das casas de swing de casais e fazendo festas fechadas. (André)

...nesses clubes mais caros, é muito comum até ir com garota de programa, até isso as pessoas aceitam um pouco, porque homem sozinho para entrar num clube de referência, paga uns 500 reais. Pega uma garota de programa, paga 200. (André)

A literatura consultada (JENKS, 1998; BERGSTRAND e WILLIAMS, 2000) apontou como sendo mais comum a iniciação no swing pela proposta masculina, já que os homens seriam menos julgados pela expressão de seus desejos sexuais. Interessantemente, os homens entrevistados vivenciaram situações distintas. André conheceu sua atual companheira no swing, onde ambos praticavam como singles; Felipe e Maurício contaram que o início se deu após uma traição descoberta por suas esposas, sendo que a sugestão da prática partiu delas. A prevenção da formação de vínculos afetivos, favorecida pelo grande número de regras, pode ajudar a explicar o uso do swing como possível estratégia para evitar futuras traições. Estratégia que não funcionou para o casal Felipe e Fernanda, e se mostrou insuficiente para Maurício e Mariana.

A gente em uma conversa... acho que passamos em frente a uma casa de swing. Ela falou: "você teria coragem de ir a um lugar desses?". Teria, por que não? "Será que a gente experimentaria?". Você experimentaria? Ela falou que sim, eu também falei que sim. Tentamos uma experiência. Por sorte, conversamos com uma pessoa já bem experiente no meio. Ele já era bastante experiente, ele já... tratou a

gente muito bem. Ele soube conduzir melhor a situação e introduzir a gente no meio. (Felipe)

A heteronormatividade presente no convívio swinger faz com que alguns assuntos sejam tabus, especialmente os ligados à homossexualidade e bissexualidade masculinas (VON DER WEID, 2009; SILVÉRIO, 2014b; OSCAR, 2015). Os dados colhidos para esta pesquisa deixam claro não ser possível afirmar que o swing é praticado exclusivamente por indivíduos heterossexuais, mas o contexto favorece manifestações da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995).

Agora num clube de swing tem coisa que é tabu: droga nesse meio é tabu, tanto festa fechada como parada liberal. Menor de idade também é tabu. Agora, um tabu é o masculino, isso não rola. Às vezes acontece, mas é muito fechado, tem que ter a anuência dos casais, mas homo masculino é bem tabu. Agora está liberando um pouquinho mais nos sites, mas em clubes de swing, festa fechada, não existe. Talvez não peçam pra sair, mas vão ficar emburrados...é constrangedor. A gente tem uma amiga trans, muito bonita... e ela não pode entrar em clube de swing... trans e gays não. Tem festas para trans, para gays, mas são festas bem fechadas, só vai a comunidade gay. (André)

Felipe contou ser bissexual e isso demandou o desenvolvimento de estratégias de adaptação ao meio do swing, descrito por ele como uma espécie de “armário”. Contou que costuma procurar pessoas dispostas a interagir sem desconforto com ambos os integrantes do casal, embora a falta de lógica dentro de um ambiente supostamente mais livre não passe despercebida.

Entramos em uma sala reservada. As salas são reservadas, mas tem buracos. As pessoas podem olhar, eventualmente interagir com quem está lá dentro. Ele já deixou a luz apagada para que ninguém visse o que estava rolando ali dentro. Saímos depois, vestidos. Ele veio e falou: "olha, aqui fora não rola nada entre nós, está bem?" (Felipe)

...existe todo esse fetiche masculino de duas mulheres se relacionando. Dá para perceber que a maioria dos casais que curtem um bissexualismo, é a mulher

que é bissexual. Tem muito casal que o homem é hétero e a mulher se identifica como bissexual - muitos, a maioria. A mulher que gosta, tem uma certa facilidade. O homem já enfrenta mais dificuldade. (Felipe)

Embora todos os participantes tenham se mostrado receptivos às perguntas, André se destacou ao fornecer espontaneamente com uma quantidade significativa de informações acerca do funcionamento do swing, seu vocabulário exclusivo e, em especial, as vantagens que fornece às mulheres quando comparado aos demais locais de encontro. Sugeriu algumas vezes que a pesquisadora fosse conhecer uma casa de swing, o que deixaria claro que via de regra o ambiente é um lugar tranquilo e agradável, lembrando também que ninguém é obrigado a participar do que não queira.

Todas as casas de swing que você for, você vai ser bem recebida, vai ser muito bem tratada em termo de ser mulher, segurança total. (André)

... quem é de fora, vê isso como o fim do mundo, uma coisa super pecaminosa. Eu acho que é uma coisa que em algumas sociedades que é bem mais aceito, na Alemanha, na Suécia, muito mais aceito. Vá conhecer o clube de casais, que tem uma imagem muito negativa, né, você vê que é um lugar normal... se relaciona quem quer, nível de educação muito grande... (André)

Sendo que a masculinidade interfere na forma como os homens comunicam seus conceitos, sentimentos e percepções (MACIEL JR. e SOUZA, 2008), a postura de André inicialmente pareceu uma tentativa de sedução. No entanto, após um olhar mais atento, se revelou como uma preocupação com a forma como o swing seria retratado. A análise conjunta das entrevistas forneceu indicativos das razões para tal preocupação ao revelar vivências de preconceito compartilhadas pelos entrevistados.

A transgressão da monogamia sexual no casamento pela prática de swing traz consigo a criação de uma vivência que parece extrapolar preocupações com a privacidade, gerando um segredo que deve ser mantido como forma de evitar punições sociais (FONTOURA, 2015). Assim, André, Felipe e Maurício mantêm a

prática de swing fora do conhecimento da família e, com poucas exceções, dos amigos.

Infelizmente não dá para chegar e falar para as pessoas que praticamos swing. Tenho uma colega que também é psicóloga... um dia estávamos em um churrasco. Ela tocou no assunto do swing. Ficamos conversando e ela: "não, porque eu fui a uma casa". Ela contou que entrou, uma pessoa da casa recebeu ela e mostrou os ambientes. Ela falou assim: "no dia seguinte, passei muito mal. Fiquei vomitando o dia inteiro". Imagina se eu conto que eu participo de um negócio desses? (Felipe)

A gente tem medo de viver o preconceito porque as pessoas acham que isso não é uma coisa legal, vai dizer que é promiscuidade, que é uma coisa absurda deixar a sua mulher com outro. A gente não teve esse impacto ainda e a gente tenta separar e ser o mais sigiloso possível... por isso de não ir em casa de swing porque pode encontrar um amigo lá que também quer entrar no meio e está indo lá. (Maurício)

Enfim, podemos perceber que André, Felipe e Maurício ressaltam a importância de manter em segredo a prática de swing e, ao mesmo tempo em que reconhecem a falta de sentido deste preconceito social a que temem ser submetidos, não demonstram interesse em buscar qualquer tipo de reconhecimento externo ou estabelecer um posicionamento político sobre o assunto.

- Motivos que levam ao swing

Os entrevistados se iniciaram no swing como uma forma de solucionar crises de natureza pessoal e conjugal. André buscava formas de conviver com sua primeira esposa e lidar com o ciúme; já Felipe e Maurício foram conduzidos pelas respectivas esposas como estratégia para lidar com o desejo sexual por terceiros. Maurício acrescentou ainda que a inexperiência sexual do casal, que iniciou a relação muito jovem, favoreceu o desejo de buscar a realização de fantasias sexuais.

Bozon (2003) afirma que as uniões contemporâneas se traduzem em uma valorização do amor, dos domínios e interesses individuais, e da sexualidade, indicando uma aproximação entre as trajetórias sexuais e afetivas de homens e mulheres. No entanto, o autor traz que pontos de vista opostos permanecem na moral sexual, sendo mais comum entre os homens as crenças de que é possível haver amor sem fidelidade e manter relações sexuais sem envolver os sentimentos. Caberia prioritariamente às mulheres resolver as tensões da sexualidade resultante deste impasse, com a atitude mais frequente de estabilização e regulação do desejo dos homens, contendo-o no interior de um relacionamento.

O fato da gente ter começado a namorar muito cedo nos privou de algumas coisas, algumas curtições da vida e eu fui fraco e a traí, só que ela sempre teve um desejo de me ver transando com outra mulher. Isso era uma coisa muito vaga na cabeça dela, não era nada que iria se concretizar, e quando ela descobriu a traição, na verdade eu não estava traindo eu já tinha traído, já tinha acabado o relacionamento, e ela descobriu uma foto no Google Fotos, e aí não tinha como negar e eu acabei confessando toda verdade para ela. E nessa situação ela falou: "agora eu quero que você faça junto comigo", mas inicialmente era um ménage, eu, ela e outra mulher, e depois eu também falei: "eu também quero ver você com outro", porque também me dá prazer isso, e aí a gente iniciou. (Maurício)

Vale ressaltar que Maurício, embora tenha mencionado diminuição no seu desejo de sair com outras mulheres, também foi capaz de perceber que os problemas iniciais que levaram o casal ao swing não foram encaminhados para qualquer tipo de resolução.

Então, antes eu tinha muita vontade de sair com mulheres e hoje eu não tenho mais tanta vontade. Vontade homem sempre tem, mas não é uma necessidade como eu tinha antes... eu sentia que era uma necessidade, e hoje em dia eu não sinto porque eu prefiro sair com casal, me divirto eu e se diverte ela. Antes eu era egoísta eu só saía sozinho. No momento tá bem tranquilo, ela não andou tendo muito ciúmes, nem nada... é mais quando a gente começa a conversar do que foi e eu começo a pontuar muito aquilo que me deixou inseguro. (Maurício)

Giddens (1992) aponta como ideal dos relacionamentos atuais o interesse na manutenção da união em si mesma, de forma a garantir a satisfação dos envolvidos, individualmente. O autor denomina de relacionamento puro aquele que é baseado na comunicação emocional e tem nesta sua principal recompensa. Os aspectos da relação conjugal valorizados correspondem aos achados de Norgren et al. (2004) a respeito da importância de o casal equilibrar o desenvolvimento individual e as trocas estimulantes com o parceiro, evitando repetição e tédio.

André, Felipe e Maurício ressaltam a melhora na comunicação sobre sexualidade com suas companheiras como um dos maiores benefícios trazidos pelo swing. No entanto, esta melhora não necessariamente se refletiu em outras áreas da relação, como no caso de Felipe, que não se sente confortável para mencionar que gostaria que sua esposa assumisse mais responsabilidades na administração da casa e das finanças; e também no de Maurício, que contou que os problemas decorrentes da sua traição e insatisfações na união permaneciam como geradores de conflito e, por isso, não eram conversados.

Eu acho que a gente ficou mais ligados, na verdade a gente ficou mais aberto, então é muito mais expressivo. Ela se expressa mais no que ela gosta, a gente consegue falar mais sobre sexo porque a gente vê os defeitos dos outros e é mais fácil da gente falar dos nossos defeitos, isso acontece muito. A gente sai mais, pelo fato de eu ter uma rotina de trabalho muito cansativa então a gente quase não saía... apesar de ser um sair meio que ruim porque você sai para fazer... mas nós dois nos divertimos, então a gente sai um pouco mais. (Maurício)

No meu casamento... digamos assim, trouxe uma liberdade para nós de falar mais abertamente sobre as coisas - o que gostaríamos, talvez tivesse até fantasiado fazer ou experimentar. No dia a dia normal, você às vezes fica receoso de falar. Mesmo com tantos anos de relacionamento, tem coisas que são tabus para serem tratadas. Quando você está nesse meio, acaba tendo liberdade para tocar no assunto. Você vê uma coisa, você mostra: "fulano falou isso, falou de fazer isso. O que você acha?". Acho que isso foi um grande ganho. Sem contar a questão de... quando a gente pratica, eu estou realizando uma coisa que eu gosto, um desejo que tenho e estou junto com ela. Para mim é um mundo perfeito. Estamos juntos, fazemos juntos. Não estou enganando. (Felipe)

Dentro do mesmo aspecto de valorização da comunicação e honestidade vivenciada no swing, André fez uma crítica aos amigos que praticam os chamados relacionamento não-monogâmicos não-consensuais e, ao mesmo tempo, criticam a vivência swinger.

Sim, tanto que tem amigos meus que sabem que eu estou no meio swing, uns criticam pô você faz isso e isso, mas tem uma grande parte que tem amante, tem namorada fora, algumas eu sei também que eu não vou falar, a esposa tem um casinho fora, não vou interferi, a gente fica pensando, poxa, pelo menos eu estou em uma relação sincera e honesta, você não está levando uma relação sincera nem sua companheira, mas a gente deixa para lá. (André)

A análise das entrevistas permitiu identificar na fala dos três participantes a existência de ganhos secundários que são altamente valorizados e concorrem para garantir a permanência na prática. A formação de uma rede de amizades parece ser um dos principais incentivos (VON DER WEID, 2010), sendo mencionado repetidas vezes. Notamos tratar-se de um contato importante para os swingers porque os aproxima de pessoas que podem compartilhar suas experiências que, via de regra, não encontram espaço para serem discutidas com não praticantes.

Fora que conhecemos pessoas superbacanas que viraram realmente amigos. Temos um amigo que já nos relacionamos com ele há uns 2, quase 3 anos. Tem liberdade de ir à nossa casa. Já comemos pizza juntos. É uma pessoa que conta tudo para nós. Passamos vários momentos com ele, sabemos de várias coisas da vida dele. Ele é casado, separou. A gente acompanha muito a vida dele, seguimos ele no Instagram. Temos um relacionamento de amizade. Acho que tudo isso é válido. (Felipe)

Muita amizade, no meio muita amizade mesmo, porque aquela coisa, tipo eu vou com a minha namoradinha e tal, vamos no pagode assim, e aí você fica pensando, poxa, será que vão dá em cima dela? Lá é uma coisa meio explícita, pessoal pode falar que ela é gostosa, que ela é isso, que ela é aquilo... é uma brincadeira. (André)

A gente tem... olha, os amigos que a gente tem, a grande maioria são do meio swing, tem amigos fora do swing, são amizades normais, a gente tem um tipo de conversa com o pessoal do swing, algumas brincadeiras a gente faz e aceita e outras brincadeiras para quem não é do swing a gente não faz nem aceita. (André)

A minha esposa não gosta muito desse contato de amigos. Eu sou um pouco diferente dela, tenho muitos amigos, as pessoas com quem a gente conversa e todos com quem a gente já saiu eu tenho contato, sempre falo bom dia, alguma coisa assim, pelo menos uma vez na semana. Eu só tenho o contato de uma moça, mas todo o restante eu só tenho o do homem, então não tem problema. (Maurício)

André apontou outros aspectos relevantes que contribuíram para a visão positiva que construiu sobre o swing: o nível social dos frequentadores do swing, o que torna rara a ocorrência de desentendimentos comuns em outros lugares de encontro; e, o impacto positivo que a prática teve na reestruturação da crença de que os seus desejos sexuais não eram normais. Embora não tenham sido localizadas muitas pesquisas sobre o assunto, tal achado é condizente com os trabalhos consultados (JENKS, 1998; BERGSTRAND e WILLIAMS, 2000).

Tem um certo controle, até pelos valores, porque digamos assim, para você entrar numa casa sozinho, tem que ter um certo padrão financeiro, e os casais também, mas um negócio interessante, nesse meio, tipo assim, você vai num forró, num samba, você encontra várias classes sociais, e o swing é um pouco mais acima, nível cultural e financeiro um pouco mais acima, não sei porque. Isso é bom, que evita, é raro ter, digamos, briga, você vê briga em pagode, em samba, de jogar cadeira, de baixaria. (André)

E sempre esse meio swing assim eu achei interessante, eu me achava um pouco diferente, eu tinha algumas fantasias, achava um pouco sexo anormal... nesse meio não, vi que é apenas um desejo, uma fantasia no caso de pessoas iguais a mim, então até pelas essa amizades inclusive, ter boas amizades, e o problema do ciúmes também, que a gente nesse meio no caso tem um clichê que tudo é permitido, mas nada obrigatório, então eu achei bem interessante isso, é um lugar que eu poderia ir com a minha namorada, a minha esposa, digamos, deixar ela

na mesa de um bar dá uma volta tomar um refrigerante que ela estaria lá, ninguém ia incomodar, ao contrário do que acontece no samba, sertanejo... (André)

Tem várias fantasias, já vi casais que vão no swing... vão lá, observam, se excitam e vão pra casa se relacionar. Tem alguns casais também que gostam de se exhibir, então ninguém toca neles, no caso é fantasia deles, eles vão embora e acabou. Tem casal que vai lá também a procura só de um parceiro, é muito comum isso, às vezes o homem, o casal, eles querem só um homem pra apimentar a relação, então eles brincam só a três e pronto, ou então brincam com uma mulher que... mulher no swing já tem menos. Agora o convencional é a famosa a troca de casais, os casais sentaram, conversaram, trocaram experiências e depois se relacionaram, isso é mais comum, porque justamente é a moral do swing, as outras são variações. Mas o meio em si permite tudo, como eu disse, no meio tudo é permitido... e nada é obrigatório. (André)

A percepção acerca do lugar ocupado pelas mulheres no mundo do swing se mostrou positiva, ocorrendo uma interpretação das múltiplas regras como garantidoras de um ambiente seguro, em que a mulher pode escolher com quem se relacionar livremente. Este fator também parece contribuir, bem como os demais apresentados acima, para a permanência no swing.

Se ela chegar no barzinho sozinha, uma mulher sozinha assim, acham estranho, as próprias colegas... a própria mulher não acha interessante. Agora no meio não, no meio swing é uma inversão de valores, a mulher que dá a palavra final, a mulher que tem a capacidade de chegar sozinha, ir embora sozinha; se tem o casal, a mulher que escolhe, ela quem vai escolher o casal com quem vai brincar, é uma inversão de valores, a mulher é valorizada inclusive por isso, é bem interessante isso. (André)

É bacana, que uma mulher às vezes assim, principalmente... é diferente a mulher que... normalmente a mulher que vai em uma baladinha assim, ela é escolhida, o homem escolhe ela, ela fala poxa... lá não, lá ela que pode escolher, lá vai ter dez homens e ela vai escolher com quem ela quer ficar ou ficar com nenhum, que normalmente é tipo uma praxe, uma ética... normalmente um homem quando é

escolhido, pra ele é uma honra, para ele recusar é muito difícil, então ela pode chegar e escolher e falar: “quero ficar com você, quero me relacionar com você, quero fazer uma brincadeira com você”. E pronto, ou então ficar com ninguém, é uma coisa bem interessante. (André)

Um aspecto importante a respeito de Fernanda e Mariana foi levantado durante a análise e merece ser apontado, ainda que não seja objetivo desta pesquisa abordar a vivência feminina do swing. Felipe e Maurício, os dois participantes que iniciaram a prática de swing por sugestões de suas esposas após a descoberta de uma traição, narraram conversas em que as mulheres sugeriram que o swing não seria mais necessário frente à proximidade alcançada pelo casal.

A fala dos participantes, embora breve, pode indicar uma maior valorização do desejo masculino, priorizando a sua vontade de permanecer no swing.

A gente não consegue não criar vínculo nenhum, com casal nenhum... não existe isso. Só que a gente aumenta o nosso afeto, por exemplo, toda vez que a gente sai a gente volta e faz amor, fora a gente faz sexo... é a mesma coisa, mas fora a gente faz sexo e quando a gente chega em casa a gente faz amor. Não que isso seja necessário pra que a gente se ame, não que isso seja necessário pra ser um start pra gente fazer, porque até esses dias, umas semanas atrás eu estava de férias, então a gente estava fazendo muito e ela até me falou: “não vamos fazer mais swing porque está tão bom, a gente fez tanto sexo, tanto amor”, e eu falei “sim, mas é legal a gente sair de vez em quando também, pra não deixar de sair”. A gente nota que toda vez que a gente sai a gente fica mais loucos por sexo... os dois... isso não me atrapalha. (Maurício)

Ela algumas vezes já me falou... por exemplo, no momento que está lá, ela aproveita, ela gosta. Se eu falar para ela assim: “olha, nós nunca mais vamos sair com ninguém”. Para ela ok. Não é uma necessidade dela. É mais uma necessidade minha. Por outro lado, pode até ficar estranho falar que ela faz por mim. Ela faz por mim, mas ela também gosta. Não é algo que se sente mal fazendo, ou faça forçada. Eu jamais quero forçar ela a fazer algo. Tem épocas que ela não está legal, com crise no trabalho, e não está a fim. Eu estou a fim. Cai nessa situação. Se surge a oportunidade de fazer algo sem ela, vou fazer. (Felipe)

Finalmente, resta apontar as especificidades do relacionamento de Maurício, que foi o único participante da pesquisa a abandonar o swing. A sua entrevista foi realizada em dois momentos porque ele precisou atender a uma emergência no trabalho – algo que já sabíamos que poderia ocorrer. Este intervalo nos permitiu acompanhar uma situação que a literatura consultada aponta como das mais difíceis de pesquisar: a dos ex-praticantes de swing. Isso se dá por não existir um local de reunião deste grupo, seja pessoalmente ou online.

Durante a primeira entrevista, Maurício ressaltou algumas dificuldades de adaptação ao swing e de equilibrar a prática com a vivência religiosa, social e familiar.

O lado negativo também... eu acho que negativo... a gente tinha uma crença religiosa que, por mais que a gente estivesse distante, a gente às vezes ia e isso nos afastou um pouco mais. A gente se afastou do meio social que tínhamos com algumas pessoas e criou outro... na verdade a gente não se afastou, a gente substituiu. A gente vive duas vidas: as pessoas do meio liberal não interferem na nossa vida cotidiana, e o pessoal da cotidiana não sabe do meio liberal... então a gente tem duas vidas paralelas. (Maurício)

A sua saída do swing ocorreu por escolha de sua esposa, que se viu pressionada por familiares que notaram mudanças na rotina do casal, sendo que Maurício se sentiu excluído do processo de decisão. A reação de Maurício ao comportamento da esposa, potencializada pela culpa de acreditar ter levado sozinho o casal a esta situação, denuncia a mágoa decorrente de se sentir traído no que deveria ser um acordo de relação igualitária (GIDDENS, 1992).

O momento trouxe à tona, além do retorno da crise da infidelidade que o casal tentou administrar com a prática do swing, outras dificuldades como a percepção de Maurício de que a ele não é dado o mesmo grau de importância que a esposa concede à família – algo reforçado pela sua exclusão da decisão sobre o encerramento do swing.

Depois do swing, que acabou, começou a ter um pouquinho de intolerância de algumas coisas, aumentou um pouco do ciúme dela de achar que eu estava me

envolvendo com outras pessoas e isso não estava acontecendo. Eu acredito que inicialmente para ela a mágoa de ter sido traída voltou. O fato da gente não estar mais praticando deixou ela insegura, então houve uma insegurança de achar que eu poderia estar me envolvendo com outra pessoa. Da minha parte, uma intolerância por não ter sido ouvido e não ter sido a minha opinião colocada, então de ambas as partes a intolerância ao querer individual.

Quando a gente iniciou no swing os dois sentaram e conversaram, a gente expôs os pontos positivos e negativos que poderiam existir, pesquisamos juntos, e na hora de acabar ela só expôs a vontade dela, e não era um "vamos acabar?", era um "acabou, não vai ser mais feito", então ela já veio com uma decisão tomada. Dá a impressão que ela fez não só por ela, mas porque a família ou qualquer outra coisa indiretamente impôs isso para ela. (Maurício)

Sobre a traição... a gente colocou uma pedra e logo em seguida a gente pulou para o swing. Isso na verdade só deixou essa ferida meio que com um curativo, mas agora a ferida se abriu. Não funcionou. Mas eu gosto, eu gostei, na verdade. Eu acho que como a gente entrou foi uma fuga e tudo o que a gente busca como fuga tende a não dar certo. Porque às vezes a gente não consegue ligar os pontos, a gente só enxerga o ponto que a gente acha que é bom, então a gente não expôs pontos ruins que existe no swing. A gente se jogou de cabeça como fuga. Ela como fuga para tentar manter um casamento e eu como fuga porque eu queria ter novas relações e aí eu teria com consentimento. (Maurício)

- Crenças de gênero

Uma das principais crenças encontradas no swing está diretamente relacionada à sua lógica de funcionamento, qual seja, um conjunto de determinações e limites estabelecidos que podem garantir a impossibilidade da formação de vínculos afetivos enquanto se estimula a ocorrência de práticas sexuais recreativas. Os participantes relataram que a aderência ao script proposto realmente garante a separação entre o sexo e os sentimentos amorosos reservados ao par.

No mesmo sentido, parecem atribuir as falhas em atingir este ideal a problemas conjugais, não aos princípios do swing. O controle imposto pelas regras,

no que pode ser visto como uma antítese do amor livre, cria a fantasia de que as emoções naturais aos encontros humanos também podem ser contidas e subjugadas às determinações da lógica. Levar o parceiro ao swing, como foi a escolha das esposas de Felipe e Maurício, pode significar manter o domínio sobre o outro e sobre o futuro do casal.

Quando a mulher conhece um casal, conhece um homem sozinho no motel, quando ela sai com o homem sozinho depois, normalmente é porque já está a relação desgastada, quer seguir outro caminho mesmo, independente do swing. O homem também, quando o homem vai no swing e conhece uma mulher sozinha e que tem um relacionamento fora de lá, é além do sexo, é uma coisa mais sentimental. Os casais geralmente são muito bem arranjados.

O swing tem aquela coisa também... ele não é bem pra unir o casal, se o casal tá em crise, se ele for procurar o swing então só vai piorar, o swing é outra coisa, ou o casal gosta ou não gosta, ou a pessoa gosta ou não gosta. (André)

Revelam-se, assim, as questões de gênero presentes no swing e que refletem e - frente ao não reconhecimento da necessidade de se repensar - preservam os ideais heteronormativos da sociedade. Isto inclui o duplo-padrão sexual que aceita que os homens teriam maior necessidade de variedade sexual e considera natural que eles desvinculem amor e sexo (KIMMEL, 2005).

Assim, ao mesmo tempo em que o swing permite a expressão das fantasias sexuais de homens e mulheres, também estabelece um ambiente de performances marcadas pela separação entre os dois, e os mantém dentro de fronteiras rígidas. A análise das entrevistas demonstra que ser homem no mundo do swing significa ser heterossexual – ou melhor, como demonstra a experiência de Felipe, no mínimo aparentar ser.

Não tem ciúme em relação ao sexo em si, normalmente os casais desse meio, eles costumam separar o sexo da emoção. Então são coisas de distintas, no caso, que nem homem já consegue muito fazer isso, mulher já não consegue fazer tão bem. Homem já faz desde que nasce, que você gosta de alguém e tem sexo

com outra, tanto que tem os bordeis incentivam isso... a mulher já tem diferença de lidar com isso. (André)

As falas de André e Maurício remetem à crença a respeito da emotividade feminina, reduzindo a complexidade das emoções e reações a problemas complexos da conjugalidade a um determinismo biológico.

Olha eu já vi, por exemplo, muito em relação a mulher, o homem às vezes aceita com mais facilidade ver a companheira dele com outro homem, até pra... que tem aquela parte de voyeur, todo homem gosta de observar, né. Na pré-história você levava o homem caçador... gosta de observar... agora a mulher não, quando ela vê às vezes o homem dela com outra mulher, elas surtam às vezes, acontece muito isso. (André)

Então são essas coisas que eu aprendi, de me colocar um pouco no lugar dela, o quanto foi difícil pra ela, a auto estima dela que com certeza mudou, depressão que pode ter instalado, mas ela conseguiu reverter. Então várias coisas acontecendo, porque mulher tem a auto estima baixa por alguns dias do mês, os hormônios de mulheres são um vulcão e isso contribui para dificultar esses dias. Então são coisas que se o homem não se colocar no lugar da mulher, o relacionamento acaba. (Maurício)

Além das diferenças entre o masculino e o feminino, os entrevistados compartilharam algumas questões que impactam o exercício da sexualidade masculina, tais como preocupações com a potência e performance sexual (KIMMEL, 2005) e a comparação ou inveja do físico de outros homens.

Segundo Giddens (1992), a ansiedade masculina no que se refere à sexualidade foi encoberta ao longo da história, sendo dilacerada entre dois extremos: a dominância sexual agressiva, o que pode incluir o uso da violência; e, a ansiedade em relação à potência. Interessante pensar no papel positivo que o swing representou para resolução da situação de comparação com outro homem descrita por Felipe. Maurício, ao ser confrontado com uma situação similar, expôs suas crenças acerca da dissimulação feminina.

Na segunda vez, conhecemos outro cara. Ele era bonito, grandão, musculoso. Foi uma pessoa que me fez sentir um pouco... diminuído. Eu vi ele com ela, aquilo me incomodou um pouco, porque ela estava muito à vontade, ela se satisfez. Aquilo me deixou um pouco, senti um pouco menos que ele. Esse cara faz isso, sentindo tudo isso, sinal que comigo, até agora, sempre foi insatisfeita sexualmente falando. Depois a gente conversou, conversei com ele; porque eu fiquei meio mal. A gente tinha ido no motel, saí meio estranho, quieto. Fiquei mal na hora, no final. Ela falou: "o que aconteceu?". Eu falei, ela disse: "não, não tem nada a ver". Conversei com ele: "não, não tem nada a ver, você foi super bem, desencana". (Felipe)

Eu não ter nenhum tipo de problema quanto a isso, porque o meu não é grande, mas também não é pequeno, está na média nacional, quem sofre é ela porque eu fico "mas era grande". A gente saiu com um casal que o cara passou três vezes na fila, e eu falei pra ela: "E aí, foi bom?" e ela falou pra mim: "não". Sabe o que me deixa chateado? Eu não sei se ela está mentindo, o cara com o pinto daquele tamanho... é inveja branca do cara porque eu queria ter aquele pinto que ele tinha, então ela falou pra mim que não foi bom... como assim não foi bom? E ela falou: "Não adianta ter o pinto grande e não saber fazer", aí entra mil coisas sabe, e isso me traz um pouco de pulga atrás da orelha, será que é verdade porque mulher gosta, ainda mais por eu conhecer anatomia, saber que mulher gosta, mulher nega, mas gosta. (Maurício)

Já André relatou os efeitos do envelhecimento, entendendo o swing como um lugar de competição entre corpos mais e menos atraentes e entre possibilidades de desempenho sexual.

Então, não tem como comparar... eu com tantos anos de idade com um de 25, não tem como comparar. A potência sexual dele é bem maior que a minha, não tem nem comparação. Essa coisa em relação, em relação à mulher é diferente, a mulher com o tempo assim, ela fica, digamos, ela fica mais experiente com o tempo, mas o homem não tem como comparar, um rapaz de 25 anos de idade, com certeza na parte sexual ele vai ganhar de mim, eu entendo isso, faz parte. (André)

As crenças dos entrevistados acerca da sexualidade feminina reforçam o caráter de naturalização das diferenças entre homens e mulheres (KIMMEL, 2005). Felipe e Maurício chegaram ao swing após uma traição, e coube às mulheres o papel de encontrar soluções para a crise conjugal dentro de um papel tradicional de cuidado com a relação.

Eu passei por tudo isso nesses últimos meses, a situação da traição, a situação de um casamento que para mim era perfeito e quase perdi, uma coisa de egoísmo da minha parte de achar que o swing seria bom, era bom e estava bom, mas estava bom para mim. Então são coisas que se não são do casal, por exemplo, se daqui uns anos a gente falar "vamos fazer swing", mas sem envolvimento de traição, sem nada, uma coisa que a gente queira fazer, eu acho que vai ser muito bacana, muito legal. É um mundo legal, mas não pode ser uma fuga, não pode ser "eu vou fazer para agradar fulano", tem que ser os dois, você tem que estar querendo. E não foi o que aconteceu na nossa situação, ela fez porque ela achava que iria me agradar, aquele amor cego de mulher, vou fazer tudo pelo meu marido, para não perder o meu marido, e acabou machucando um ao outro. (Maurício)

Felipe abordou aquilo que percebe como uma vantagem obtida pelas mulheres na manifestação de seus desejos sexuais. Sendo bissexual e permanecendo no que chamou de "armário do swing", ele percebe a diferença na aceitação e no estímulo às práticas bissexuais femininas. Via de regra, seus encontros sexuais são combinados fora das casas de swing, dando preferência a locais com maior privacidade.

Podem ser observadas as prerrogativas da masculinidade hegemônica que, segundo Connell (1995), traz o padrão a ser perseguido por todos os homens e faz com que bissexuais homossexuais masculinos, como Felipe, fiquem sob um caráter subordinado. A heteronormatividade e o desejo masculino ditam as regras, de forma que os homens são vistos como indivíduos desejantes independentes, enquanto as mulheres permanecem primariamente como objeto de desejo (BOZON, 2003).

Sim, normalmente, porque existe todo esse fetiche masculino de duas mulheres se relacionando. Dá para perceber que a maioria dos casais que curtem um bissexualismo, é a mulher que é bissexual. Tem muito casal que o homem é

hétero e a mulher se identifica como bissexual - muitos, a maioria. A mulher que gosta, tem uma certa facilidade. O homem já enfrenta mais dificuldade. Tem mulher que também gosta de observar. Tem mulher que sente prazer. Esposas que realmente tem a cabeça aberta com relação a isso, que sabem compreender o prazer do marido. (Felipe)

Aí já tem aquele consenso, mas mais da metade normalmente a mulher não sabe, quando é homem só. Digamos assim, dos homens que vão no swing sozinhos, metade das mulheres sabem... quando a mulher sabe, ela não gosta e deixa o marido ir sozinho, pronto, pra eles é como se fosse um jogo de futebol. Por várias razões, porque tem a família, tem a posição social, tem a parte material inclusive pesa muito, então metade das mulheres deixa os maridos irem e a outra metade não sabe. Agora, em relação a mulher, não... de cada dez mulheres que vão a swing sozinhas, casadas, nove o homem não sabe, aí é uma coisa mais bem camuflada mesmo. O homem é aquela coisa, o homem não aceita, é até por machismo, ele fala: “eu não vou, mas você não vai também e pronto”. “Eu não tenho sexo, você não tem e acabou a história”, o que é um erro... a mulher acaba sozinha. (André)

As desigualdades de gênero marcam também uma realidade de violência que vitima homens e mulheres. E, embora não seja objeto desta pesquisa abordar a vivência feminina no swing, acreditamos ser importante observar uma realidade trazida à tona durante a análise das entrevistas, qual seja: a crença dos entrevistados de que o swing é um espaço perfeitamente seguro para as mulheres, em que impera a igualdade de gênero, apesar dos relatos de violência masculina contra as swingers.

A presença masculina, em especial a dos chamados singles, é objeto de preocupação e regulação pelos frequentadores. A própria pesquisadora, nas comunidades online de swing, entrou em contato com homens que, mesmo ao saberem se tratar de uma pesquisa, continuavam a insistir para irmos juntos a um motel ou a uma casa de swing, chegando a oferecer dinheiro por sexo. Comportamentos como o desrespeito à vontade das mulheres, ou a crença de que pagar o ingresso para entrar em uma casa de swing automaticamente garantiria o

direito a fazer sexo, são comuns e reproduções de uma postura frequente em outros âmbitos sociais.

Aqui, vale ressaltar o possível impacto da pesquisadora ser uma mulher entrevistando homens a respeito de um assunto ainda considerado tabu e que é visto com frequência como mais uma forma de favorecer a sexualidade masculina em detrimento da feminina.

...é um lugar que eu poderia ir com a minha namorada, a minha esposa, digamos, deixar ela na mesa de um bar dá uma volta tomar um refrigerante que ela estaria lá, ninguém ia incomodar, ao contrário do que acontece no samba, sertanejo... (André)

...os casais do meio swing eles se sentem mais seguros com um outro casal, isso é normal, e normalmente até o pessoal fala que o homem nesse meio... ele tem que ser um artista, porque normalmente o single nesse meio ele não sabe se comportar, ou ele é inconveniente, ou ele é imaturo, ou ele é muito abusado, então normalmente de cada digamos dez homens sozinhos nesse meio, apenas um é bem visto, a maioria não é bem visto, ele se comporta muito mal. É muito comum a história de invasão de privacidade, de mulheres que tem que trocar o número de celular, tem visto inconveniente até no serviço, é muito comum. (André)

- Percepções acerca do Ciúme

O exercício da sexualidade vivenciada no mundo colorido do swing não escapa da imposição de regras ou da condenação de práticas vistas como indesejáveis, tais como aquelas associadas à homossexualidade masculina. As regras que limitam a interação entre os swingers e as regras estabelecidas por cada casal se unem para dar conta dos aspectos simbólicos tradicionalmente associados ao intercursos sexual (GIDDENS e SUTTON, 2017). Desta forma, o mesmo comportamento assume valorações distintas conforme ocorre dentro ou fora do ambiente swinger e conforme foi autorizado ou não pelo parceiro, restando a cada casal administrar as situações específicas que se apresentam de acordo com seus contratos conjugais.

Tendo-se em consideração que o swing não oferece um ambiente de liberdade sexual plena, a infidelidade, em termos gerais, está atrelada ao descumprimento do acordo de não formação de vínculos afetivos com os demais praticantes, sendo esperada também a aderência aos combinados particulares de cada casal.

Os participantes da pesquisa compartilharam algumas das estratégias desenvolvidas, ressaltando que o ciúme não se aplica ao sexo, já que este é apenas um ato esvaziado de significado ou, como descreveu André: “como se fosse um abraço”. Tais estratégias envolvem não sair múltiplas vezes com a mesma pessoa e prestar atenção ao tempo gasto conhecendo outros swingers antes ou depois de iniciar as atividades sexuais.

Fora eu tenho, porque no swing a gente não entende como traição e a gente entende que tudo já é combinado, a gente já vai sabendo que o outro vai vir ficar com ela, vai beijar, vai ter toda aquela orgia, então você já sabe o que vai acontecer. Agora, uma pessoa fora disso que tente fazer a mesma coisa não tem a minha permissão, se isso acontece não é só sexo, vai rolar sentimento porque para ela permitir isso fora, ela sentiu alguma coisa. (Maurício)

Depende também do ambiente, porque a gente tem a casa de swing, a gente tem os sites, tem os grupos e a gente tem as festas. Quando você vai para a festa e casa de swing é algo flash... você viu, "vamos trocar?", "vamos". Não dá tempo de ficar conversando... vai lá e acabou, é coisa rápida. Já no site e nos grupos você consegue conhecer o mínimo das pessoas, então a gente pergunta do que eles gostam, o que eles fazem e a gente tem um tempo maior. Muitas vezes a gente vai para a casa da pessoa, ela vem para a nossa casa ou a gente vai para o motel. A gente tem um tempo muito grande, então não rola só sexo, rola conversa, a gente bebe, conversa de muita coisa, então cria-se um laço um pouco maior do que nas casas. Aí sim pode haver a possibilidade de você ter um pouco mais de ciúme porque o cara pode achar que a mulher está dando muita atenção. Já na casa, como é muito mecânico, muito rápido, não dá tempo de nada disso. (Maurício)

Normalmente, um casal, eles gostam de diferenciar bastante até apimentar a relação. Se começar sempre com o mesmo casal, eu já posso arrumar uma

desconfiança, pra falar: “poxa, porque o meu companheiro quer sempre sair com essa mulher? Porque a minha companheira quer sempre sair com esse homem?”. Então vai passar a falar, poxa será que é melhor do que eu? Então rola um pouco de desconfiança. Quando mostrar assim, é sair poucas vezes, ou então sai mais umas vezes e demora sei lá, uns seis meses, um ano. (André)

André e Maurício indicaram o entendimento do ciúme como dividido em dois extremos, quais sejam: o cuidado com a parceira e com a relação; e, em sua expressão excessiva e doentia, uma necessidade de controlar a parceira e impor seus desejos e prioridades. Este achado está de acordo com as afirmações de Almeida (2007) e Ferreira-Santos (2011) no que se refere ao lugar ocupado pelo ciúme no imaginário brasileiro. Assim, a depender do grau, o ciúme é entendido e vivenciado como um elogio e sua ausência se transforma em indicativo de problemas ou falta de amor na relação conjugal.

O meu ponto de vista do ciúme... não é aquele que sufoca. É o cuidado, você cuida da pessoa, você quer bem a pessoa, não é um sentimento de posse, mas você subitamente lá no seu íntimo você fala: "é minha", mas não que você tenha a posse dela ou que você demonstre essa posse. Então tudo aquilo que ameaça, você vai estar com o radar ligado. Mas eu não tenho ciúmes de roupa, não tenho ciúmes que ela converse com outros homens, tanto que a gente também está no meio liberal, então menos ciúmes ainda.

O ciúme vem... a confiança, tudo aquilo que sai do que é confiança, tudo o que fica escondido gera um ciúme que é um pouco mais potencializado. Como a gente tem essa liberdade de algumas coisas, se é tudo aberto não tem porquê ter ciúmes. Mas rola aqueles ciuminho, como é que eu posso te dizer, o ciúme do bem, isso ou aquilo, mas nada que potencialize uma discussão, nada que gere um desconforto no relacionamento. (Maurício)

A vivência de André com o ciúme se mostrou mais intensa do que as narradas por Felipe e Maurício. Durante seu primeiro casamento e no relacionamento subsequente, André passou por situações de violência, chegando a atirar – sem sucesso - contra um possível rival amoroso.

O ciúme está ligado com insegurança, mentira e dor da perda. Essa é a base do ciúme. A partir do momento que a pessoa não tem esse receio, não há porque ter ciúmes. Tem ciúme de cuidado também... você fala assim: "Vou num lugar com ela", tem lugares um pouco obscuros, se for sozinho é muito perigoso, tem aquele cuidado com ela, proteger ao máximo, às vezes acontece, "Olha, está acompanhada", esse tipo de coisa. O que tenho por ela, o ciúme seria um cuidado excessivo, se eu vou com ela num lugar normal, tenho um cuidado ao máximo, esse tipo de coisa. Acho que o ciúme hoje em dia é um cuidado excessivo. (André)

Segundo Zerbini e Cervený (2015), o entendimento da fidelidade e da lealdade, esta última significando a sinceridade com o parceiro, moldam e dão caráter único a cada relação. A intimidade seria a base para que a confiança possa se desenvolver, evidenciando-se as diferenças impostas pelo gênero e que destacam a importância do encontro sexual e da preservação da individualidade para os homens (GIDDENS, 1992; HINTZ, 2015). Neste sentido, os participantes apontaram a lealdade, traduzida em comunicação franca, como elemento gerador de confiança e segurança.

Acho que o relacionamento conjugal é muito isso - respeito, amor, vontade nas partes de estar junto, construir coisas, edificar. Ter um objetivo junto. Senão não faz sentido. (Felipe)

Mas eu acredito que a maturidade que o homem adquire um pouco mais tardia do que a mulher, traz para ele essa segurança de que: "ela é minha, eu a conquistei, ela está comigo por N motivos", então você tem toda aquela segurança que a pessoa te passa e não tem porque eu ter ciúmes dela, porque eu confio plenamente nela. A gente acredita que o relacionamento, uma das bases dele, além do amor é a confiança, então eu confio muito na minha esposa, e ela não me dá motivos. (Maurício)

A fala de André apresenta alguns elementos que remetem a uma necessidade de controle sobre a parceira e podem ajudar a compreender por que alguém com seu histórico de problemas graves com ciúme escolheria participar, como casal, de uma atividade como o swing.

Eu acho que é isso, cumplicidade de confiança, se tem alguém que você confia, no caso, eu acho que a barreira do ciúme já cai bastante. Se tem uma pessoa que eu sei onde ela está, se todas horas do dia se eu precisar saber, sei que se ela tiver algum desejo sexual, ela vai me falar abertamente, procurar realizar ou não, eu acho que isso é a base, a confiança.

O que é cumplicidade? O casal sentar e interagir, conversar, “Você vai fazer isso, ou então, não faça isso”. Uma integração completa, o casal tem que ser um casal cúmplice, tipo um crime... cometeu o crime junto, estão juntos.

Hoje em dia eu sei, tenho uma pessoa do meu lado, que ela tem a fantasia sexual dela, ela vai se abrir comigo e falar. (André)

Inversamente, os três participantes apontaram suas companheiras como as que mais são afetadas pelo ciúme no relacionamento. Interessante notar que nos casos de Felipe e Maurício, a iniciação no swing ocorreu após a descoberta da infidelidade masculina pelas companheiras. A fantasia de que o relacionamento amoroso poderia suprir todas as necessidades do parceiro (FIGUEIREDO e SOUZA, 2015) pode ajudar a entender a aparente tentativa de fazer uso do swing para contornar os efeitos da traição e evitar sua repetição futura.

Ela tem ciúmes assim... ela tem mais de mim do que eu dela, é mais na parte emocional, tipo assim, se eu saio com o casal, a gente brinca... vamos para casa e acabou a história, é normal; agora, se eu saí com o casal digamos, com o João e a Maria, você fala muito na Maria, ela fala: “porque você está falando tanto dessa Maria?”. Ela acha que já tem um apego maior, que o interesse maior além do sexo, porque sexo por sexo todas as mulheres fazem quase igual e vice e versa com os homens também, então tá muito ligado a parte emocional, na parte física não, na parte emocional já rola ciúmes. (André)

No geral, ela é mais ciumenta que eu. Nesses relacionamentos, não. Nunca tive ciúme dela. Pelo que eu percebo, ela não sente ciúme de mim quando a gente está com outra pessoa. Fora sim. Ela sente muito. Ela tem muito ciúmes de mim com mulher. Tanto que assim... ela fala que sempre perdoou minhas traições. Se um dia ela ficar sabendo que eu traí com uma mulher, ela não perdoa. (Felipe)

A análise das entrevistas permite concluir que a crença da ausência de ciúme entre os swingers não se sustenta, evidenciando, no entanto, a influência do contexto em que o indivíduo está inserido. Convivem assim, de forma antagônica, valores tradicionais e contemporâneos, na forma de variadas expressões de liberdade sexual e formas de controle normatizadas.

O meu ciúme não aumentou, não diminuiu frequentando o swing, eu acho que o que acontece é que nós tivemos uma maior liberdade de expressar as nossas vontades íntimas. Como o swing tem um leque de coisas muito grande, a gente vai descobrindo coisas e a gente vai ver o que é permissível e o que não é permissível pra gente, de acordo com cada limite e aquilo que não é do limite do outro o outro tem que barganhar pra que acabe cedendo. (Felipe)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve buscou compreender a experiência de homens praticantes de swing de modo a elucidar a lógica do swing, os motivos que levam à procura da prática e à permanência dos swingers, as crenças acerca das relações de gênero e como os swingers entendem e lidam com o ciúme.

As informações necessárias ao trabalho foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, sendo submetidas à análise temática para que pudessemos identificar, analisar e relatar temas pertinentes (BRAUM e CLARKE, 2006). Não foi incomum, na procura por possíveis participantes, que estes sugerissem conversas por telefone ou o envio das perguntas por e-mail. O segredo que envolve e protege o swing provavelmente teria prejudicado o acesso às informações analisadas caso fosse mantido na relação com a pesquisadora. As entrevistas se mostraram o método adequado para compreensão das vivências dos swingers, tendo em vista possibilitarem uma construção conjunta, além de permitirem o estabelecimento de relações de confiança entre ambos os lados.

A pesquisa qualitativa impede que sejam feitas generalizações a partir do trabalho realizado, no entanto, os resultados obtidos reafirmaram e ampliaram indicações existentes na literatura consultada, para o entendimento da conexão de temas como gênero, sexualidade e masculinidades, os quais podem subsidiar o desenvolvimento de melhores processos de intervenção e acompanhamento, bem como servir de termômetro das mudanças no comportamento social.

O interesse pelo tema nasceu da atuação profissional da autora, que percebeu nos últimos anos o aumento do número dos casos de praticantes de swing, culminando no atendimento descrito na Introdução desta pesquisa. Consideramos que, com esta, podemos contribuir para ampliar o conhecimento e a compreensão da realidade vivenciada por aqueles que são adeptos dos relacionamentos não-monogâmicos consensuais e que se tornam progressivamente mais visíveis na sociedade, e conseqüentemente, na prática clínica psicológica.

Giddens (1999) destaca a importância das mudanças que vem ocorrendo nas vidas pessoais, incluindo sexualidade, nos relacionamentos, no casamento e na família. O autor ressalta o impacto global, embora tudo ocorra desigualmente e encontre ainda muitos obstáculos e opositores. A vivência dos participantes deixa claro o momento de transformação pelo qual passam os relacionamentos conjugais,

exigindo que os casais encontrem seu próprio jeito de se adaptarem às novas ofertas, ao mesmo tempo em que dão conta de crenças internalizadas acerca do que significa um relacionamento satisfatório.

Os homens entrevistados para esta pesquisa contribuíram com informações ricas e que favoreceram a construção de um quadro mais complexo acerca do swing do que o inicialmente esperado. Assim, a prática se mostrou também como uma forma de solução de conflitos conjugais e foi, portanto, muito além da simples busca pelo prazer sexual.

Foi constatado na pesquisa que o swing oferece uma vivência masculinizada da sexualidade (KIMMEL, 2005), impondo a separação entre o sexo e os sentimentos. Dentre as principais particularidades relacionadas ao swing, foram salientados o papel das regras em garantir o objetivo acima. As regras próprias do funcionamento do swing, e que são explicitadas aos frequentadores dos encontros, se misturam às definições e limites dos casais. Estes últimos serão, por sua vez, negociados com os demais swingers.

Nesta espiral de mecanismos de controle, os participantes deixaram transparecer a crença de que é possível manipular o que constitui o afeto humano, de forma a impedir a formação de vínculos. Concomitantemente, pareceram atribuir as falhas em atingir este ideal aos problemas individuais, e não ao swing em si. Tal postura indica que o swing não apenas reproduz padrões heteronormativos, mas também os perpetua.

O swing, como lugar heteronormativo, favorece um ambiente de preconceito e sanções sociais aos elementos ligados à homossexualidade e bissexualidade, especialmente masculinas. A entrevista realizada com um homem bissexual pôs fim à impressão inicial gerada pela procura de informações em sites especializados de que o swing seria uma prática exclusivamente heterossexual, tratando-se na verdade de mais um “armário”.

Os participantes indicaram uma visão naturalizada acerca das diferenças entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres seriam mais emotivas e dominadas pela biologia, com maiores dificuldades para se adaptar ao swing, os homens teriam maior necessidade de encontros sexuais e naturalmente separariam a prática sexual dos sentimentos, demonstrando a prevalência do duplo-padrão sexual (KIMMEL, 2005).

Iniciamos a pesquisa com a percepção de que o swing seria uma prática adotada por indivíduos que apresentassem um grau bastante baixo de ciúme, motivada pela situação de observação das parceiras em atividade sexual com outras pessoas. Ocorre que as regras aplicadas aos swingers parecem servir também para controlar o comportamento das parceiras, deixando de ser uma questão de confiança para se tornar, novamente, de controle. Identificamos também que permanece entre os swingers a crença que divide o ciúme em dois extremos, podendo simbolizar cuidado ou necessidade de imposição de desejos e prioridades.

No geral, os entrevistados apresentaram uma visão positiva do swing e apontaram pontos positivos que superaram os eventuais problemas de adaptação e convívio com outros swingers. Entre os benefícios advindos do swing, a melhora na comunicação do casal foi vista como o mais importante, embora esta melhora não necessariamente tenha se refletido em outras áreas da relação. Outros ganhos mencionados foram a formação de uma rede de amizades, um local para aprender com as experiências dos outros e ter um ponto de aceitação para os próprios desejos considerados pouco convencionais.

Um dos obstáculos enfrentados para a realização desta pesquisa foi a pouca quantidade de trabalhos sobre o assunto no Brasil. Este problema e o conteúdo das entrevistas levaram também à constatação de que existe uma fragilidade da rede de apoio social aos swingers, ou uma que também leve em conta as especificidades da prática. Assuntos relevantes e que merecem ser pesquisados e objetos de políticas públicas incluem: os cuidados com a saúde, tais como o uso de preservativos e a prevenção de IST¹⁰; os impactos do preconceito dentro e fora do swing; e, os efeitos do swing entre os que abandonaram o meio.

Finalmente, resta apontar que fazer a seleção dos participantes em comunidades online permitiu acesso a uma área também pouco pesquisada: como são estruturadas as comunicações entre os swingers, o que se valoriza para o agendamento de encontros, as relações de gênero e a exposição dos corpos. As produções espontâneas registradas nestas comunicações constituem uma fonte ampla de material disponível para estudos futuros, que poderão expandir as pesquisas sobre como ocorre o intercâmbio sexual entre homens e mulheres, bem como aprofundar a investigação sobre a presença de homossexuais e bissexuais.

¹⁰ Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o campo do conhecimento dos profissionais que trabalham com praticantes de swing, e colaborar para que ações educativas, de saúde e de mobilização de redes sociais sejam implementadas para aqueles que vivenciam este processo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. 2007. 234f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AMARAL, L.B.M. et al. Violência doméstica e a Lei Maria da Penha: perfil das agressões sofridas por mulheres abrigadas em unidade social de proteção. *Estudos Feministas*, v 24, n 2, p. 521-540, 2016.

BARBIERI, T. Sobre la categoria genero: Una introduccion teorico-metodologica. *Revista Debates em Sociología*, Perú, n. 18, p. 145-169, 1993.

BERGSTAND, C.; WILLIAMS, J.B. Today's alternative marriage styles: the case of swingers. *Electronic Journal of Human Sexuality*, San Francisco, v 3, 2000.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagú*, Campinas, v 20, p. 131-156, 2003.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v 3, n 2, p. 77-101, 2006.

BUSS, D.M. *The dangerous passion: why jealousy is as necessary as love and sex*. New York: Ed. The Free Press, 2000.

CARVALHO, L.F.; AMBIEL, R.A.M. Diferenças entre os sexos no ciúme romântico: um estudo brasileiro. *Avances em Psicología Latinoamericana, Colômbia*, v 34, n 1, p. 143-155, 2016.

CONNELL, R.W. *Masculinities: knowledge, power and social change*. California: University of California Press, 1995.

CONNELL, R; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. 3 ed. São Paulo: Ed. nVersos, 2015.

CONLEY, T.D. et. al. The fewer the merrier? Assessing Stigma Surrounding Consensually Non-monogamous Romantic Relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, Malden, p. 1-29, 2012.

CRESWELL, J.W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA-SANTOS, E. *Ciúme: O medo da perda*. São Paulo: Editora Claridade, 2011.

FIGUEIREDO, A.C.C.; SOUZA, R.M. As perdas ambíguas e a infidelidade conjugal. In: CASELLATO, G. (Org.). *O resgate da empatia: o apoio psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus, 2015. p. 49-65.

FIGUEIREDO, L.B. *Tinderelas: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones*. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

FONSECA, D.H.; RIBEIRO, C.G.; LEAL, N.S.B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, v 24, n 2, p. 307-314, 2012.

FONTOURA JR., A. *Pornotopias Conjugais: subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil*. 2015. 282f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2015. p. 135-137.

FREIRE, S.E.A. *Poliamor, uma forma não-exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos*. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, 2013.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 153.

_____. *Mundo em descontrole*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Sociologia*. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

_____; SUTTON, P.W. *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

HARRIS, C.R.; DARBY, R.S. Jealousy in adulthood. In: HART, S.L.; LEGERSTEE, M. (Editors). *Handbook of jealousy: theory, research, and multidisciplinary approaches*. Blackwell Publishing Ltd., 2010, p. 547-571.

HEILBORN, M.L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v 14, n 1, 2006.

HIME, F.A.H. A biografia feminina e a história das relações amorosas. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008.

HINTZ, H. C. Casamento atual: a construção da intimidade conjugal. In: MACEDO, R.M.S. (Org.). *Expandindo os horizontes da terapia familiar*. São Paulo: Ed. CRV, 2015, p. 395-403.

JENKS, R.J. Swinging: A review of the literature. *Archives of Sexual Behavior*, San Francisco, v 27, n 5, p. 507-521, 1998.

_____. An online survey comparing swingers and polyamorists. *Electronic Journal of Human Sexuality*, San Francisco, v 17, 2014.

KIMMEL, M. *The gender of desire: essays on male sexuality*. New York: State University of New York Press, 2005.

_____.; PLANTE, R.F. The gender of desire: the sexual fantasies of women and men. In: *The gender of desire: essays on male sexuality*. New York: State University of New York Press, 2005. p.46.

LIPOVETSKY, G. Entrevista a Gilles Lipovetsky. *Revista Comunicação e Cultura*, Lisboa, nº 9, p 155-163, 2010.

MACIEL JR., P. A. *Tornar-se homem – O projeto masculino na perspectiva de gênero*. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 34 – 58.

_____.; SOUZA, R.M. Homem entrevista homem, mulher entrevista homem: questões de gênero nos procedimentos de pesquisa. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008.

MATSICK, J.L. et. al. Love and sex: polyamorous relationships are perceived more favourably than swinging and open relationships. *Psychology & Sexuality*, Abingdon, v 5, n.4, 2014.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.
MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12 ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010.

MORICI, A. C. Pós-modernidade: novos conflitos e novos arranjos familiares. Cap. 8. In: MACEDO, R.M.S. (Org.). *Terapia Familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008.

NEGREIROS, T.C. G.M.; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, n 1, 2004.

NETO, J.A.S.; STREY, M.N. Mudanças e não-mudanças na conjugalidade. In: MACEDO, R.M.S. (Org.). *Terapia Familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008, p. 435-448.

NORGREN, M. B. P. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, Natal, v 9, n 3, p.575-584, 2004.

OSCAR, R.C. *Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids*. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. p.91.

OSWALD, R.F.; BLUME, R.B.; MARKS, S.R. Decentering heteronormativity: a model for family studies. In: Bengtson, V. L. et. al. (Eds.). *Sourcebook of family theory & research*. CA: Sage Publications, 2005, p. 143-165.

PITTMAN, F. *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1994.

RUBIN, J.D. On the margins: considering diversity among consensually non-monogamous relationships. *Journal für Psychologie*, Germany, jg. 22, 2014.

RYDELL, R.J; BRINGLE, R.G. Differentiating reactive and suspicious jealousy. *Social Behavior and Personality: an international journal*. New Zealand, v 35, n 8, 2007.

SANTOS, M.A. *Prometo-te ser fiel no casamento e no swing: uma construção identitária analisada à luz do sintagma identidade – metamorfose – emancipação*. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v 20, n 2, julho/dezembro, p. 71-99, 1995.

SILVA, A.C.L.G.; COELHO, E.B.S.; NJAINE, K. Violência conjugal: as controvérsias nos relatos dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. *Ciência e Saúde Coletiva*, v 19, n 4, p. 1255-1262, 2014.

SILVEIRA, R. M. *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do swing em Goiânia*. 2014. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, 2014.

SILVÉRIO, M. Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. *Etnográfica (Online)*, Portugal, v 18, n 3, p. 571-574, 2014a.

_____. Gênero, sexualidade e swing: a ressignificação de valores através da troca de casais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n 18, p. 111-139, 2014b.

SOUZA, R.M.; RAMIRES, V.R.R. *Amor, casamento, família, divórcio...e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Editora Summus, 2006. p.78.

VIEIRA, S.S. *“Nem santa, nem puta”: Performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de swing*. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

VON DER WEID, O. Masculino e feminino na prática de swing. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n 3, p. 106-129, 2009.

_____. Swing: o adultério consentido. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 18, n 3, p. 789 – 810, 2010.

XAVIER, F, C. *Assim vencerás. O Próximo*. Ditado pelo Espírito Emmanuel. Disponível em: <[http://bvespirita.com/Assim%20Vencerás%20\(psicografia%20Chico%20Xavier%20-%20espírito%20Emmanuel\).pdf](http://bvespirita.com/Assim%20Vencerás%20(psicografia%20Chico%20Xavier%20-%20espírito%20Emmanuel).pdf)>. Acesso em: 20 de fev. 2018.

ZERBINI, M.I.S.; CERVENY, C.M.O. Sites de infidelidade e a intimidade desejada por seus usuários. In: MACEDO, R.M.S. (Org.). *Expandindo os horizontes da terapia familiar*. São Paulo: Ed. CRV, 2015, p. 407-419.